



a Siahona

FEVEREIRO DE 1965

STEREO



O PAI NOSSO

CÔRO DO TABERNÁCULO MORMON, Dr. Richard P. Condie, *Diretor*
 THE PHILADELPHIA ORCHESTRA - EUGENE ORMANDY, *Regente*
 Alexander Schreiner e Frank W. Asper, *Organistas*



Pai Nosso (*The Lord's Prayer*)
 Vinde, oh Santos! (*Come, come ye Saints*)
 Bem-aventurados os que choram (*Blessed are they that mourn*)
 Oh, meu Pai! (*O, my Father*)
 Da Côrte Celeste (*How great the wisdom and the love*)
 Sanctus, Sanctus, Sanctus (*Holy, Holy, Holy*)
 Salmo 148 (*148th Psalm*)
 Eis um menino nos nasceu (*For unto us a Child is born*)
 As lamentações de Davi (*David's Lamentations*)
 Londonderry Air

Vencendo com Jesus (*Battle Hymn of the Republic*)

● Robertson: *Pai Nosso (The Lord's Prayer)*

Num arranjo relativamente novo, o Côro interpreta esta apreciada e conhecida e mais eloquência cristã tal como se encontra na parte final do Oratório do Livro dos Mormons, de Leroy J. Robertson. A cena é o Continente Americano, onde Cristo ressuscitado aparece entre as suas "outras ovelhas" e lhes ensina o mesmo evangelho que transmitiu aos judeus, inclusive esta sublime oração. A música tem marcadas conexões com o passado mais em sua acentuação de duração do que na sua acentuação dinâmica, e em suas linhas melódicas que diferem das do Canto Gregoriano. A sinceridade do estilo é típica de Leroy J. Robertson, natural de Utah, cuja posição como compositor genuinamente americano começa a ser reconhecida, tanto na América do Norte como em outros países. Estudioso de Chadwick, Leichentritt e Bloch, o dr. Robertson revela em sua música uma linguagem que provém principalmente das montanhas e campinas do oeste e dos seus profundos sentimentos sobre família e religião.

● Billings: *As Lamentações de Davi (David's Lamentations)*

Tanto quanto sabemos, William Billings (1746-1800) foi o primeiro compositor nascido na América a fazer da música profissão. Era antes curtidor, porém sua insatisfação diante da monotonia dos salmos usados pela igreja na época levaram-no a trocar o couro pelas pautas musicais. Se bem que grande parte das suas composições fosse vigorosa (inclusive Chester, um hino cantado pelas tropas americanas durante a Guerra de Independência), ele nos deixou nesta peça uma expressão profundamente comovida do pesar de Davi pela morte do filho, Absalão. O arranjo de Elic Siegmeister é singelo, respeitando a simplicidade da melodia.

● Londonderry Air: (*Arr. de Ralph Baldwin*)

Uma das coisas que atraíram a atenção do artista romântico do século XIX, ao examinar a vida através de lentes cor-de-rosa, foi o folclore de seu próprio país. Por qualquer razão, ele sentiu que a alma da nação estava toda inteira na canção anônima do povo. Não poderíamos citar maior justificativa para este interesse do que "Londonderry Air" — trabalho de muitos camponeses, cada qual tendo contribuído com uma pequena alteração na melodia. O resultado é uma canção que tem sido descrita como "a melodia perfeita" — motivo de inveja para muitos dos mais talentosos compositores cidadãos. Tal como é cantada neste disco, no tom de mi-bemol, o contorno melódico sobe três vezes para a tonalidade de dó. Passa, então, para o tom de mi-bemol e finalmente, justamente quando os entendidos diriam que se iria atingir o ponto culminante, estes afáveis camponeses elevam intuitivamente a melodia até atingir a nota sol.

● Gounod: *Sanctus, Sanctus, Sanctus (Holy, Holy, Holy) (Sanctus, da Missa Solene)*

A voz de Richard Storrs abre esta linda e inspirada parte da Missa de Santa Cecília. Esta composição, um dos fragmentos universalmente mais apreciados da Liturgia Católica-Romana, revela as características francesas de pureza e sentimento religioso graciosamente apuradas, tão evidentes nas obras de Saint-Saëns e Massenet tanto quanto nas de Gounod.

● McIntyre: *Da Côrte Celeste (How Great the Wisdom and the Love)*

Outro hino de Eliza R. Snow, musicado por Thomas McIntyre, canta a gratidão pelas intenções e motivos que levaram o Salvador a ser "um sacrifício sem pecado pela culpa."

● Holst: *Salmo 148 (148th Psalm)*

Em contraste com o gracioso sentimento do francês Gounod ergue-se esta rude, porém majestosa manifestação do inglês Gustav Holst. Baseado na melodia do Salterio Genebrés (1543) de L. Bourgeois e numa versão em versos do Salmo por Joseph Bryan (1620), a obra começa com o côro em oitavas vigorosas. A seguir o órgão toma conta da melodia enquanto se ouve uma delicada exposição de forças paralelas em forma de acompanhamento coral. Logo o puro timbre das vozes femininas neutraliza as masculinas, após o que é levada a um final contrapontístico que bem poderia provir do autor de "A Arte da Fuga". Os baixos entram em cena em tons tranquilizadores com a melodia do hino num crescendo e modulada ritmicamente de forma a ser ouvida como tempo duplo. Sobre isto as outras vozes ondulam um contraponto no compasso ternário original, todas as partes construindo um glorioso "Alleluia" que requer dos sopranos um si-bemol alto.

● Gates: *Oh, Meu Pai! (O, My Father)*

Não foi por coincidência que Eliza R. Snow, que possuía profundo conhecimento dos ensinamentos do Profeta Joseph Smith, escreveu os versos para um dos cânticos mais doutrinarmente significativos do hinário mórmon. Cantado com a música de u'a melodia de James McGranahan, o texto exprime a profunda saudade de um espírito separado, pelo nascimento, do seu celestial ambiente, e seu constante desejo de reaver a presença do Pai e Mãe Celestiais. O arranjo do dr. Crawford Gates (aluno de Howard Hanson e Leroy Robertson) reflete o interesse deste jovem e talentoso compositor pelo colorido orquestral e coral, como se sente na trompa *obligato* no segundo verso, que soa nostálgicamente junto às vozes masculinas quando estas cantam a alienação das almas a um mundo anterior.

● Willhousky: *Vencendo com Jesus (Battle Hymn of the Republic)*

De uma experiência estética com as flores de macieira de Londonderry, passamos para uma combativa versão do Segundo Advento como oferta final nesta coleção de música sacra nas suas mais diversas formas. Ao preparar o arranjo desta música, Peter J. Willhousky transmitiu às palavras tradicionais de Julia Ward Howe uma apresentação orquestral-coral que nos traz simultaneamente à lembrança os sons de batalha e o esvoaçar de anjos. O ritmo acelera-se, é temporariamente interrompido por uma seção pastoral na qual o côro masculino contempla "a beleza dos lírios", e, depois, parte para uma exclamação final de "Glória! Alleluia! Amém!"

Notas de JAY WELCH
 Diretor-Assistente do Côro do Tabernáculo



©CBS® Marcas Registradas - Indústria Brasileira

Gravado nos EE. UU. por Columbia Records, uma divisão da Columbia Broadcasting System, Inc.

índice

Faça como eu	6
Religião e ciência	9
A função dos conselheiros	15
A promessa	16
Um lar onde morar	18
Jôgo do Progresso	30

SEÇÕES

Jóias do pensamento	3
Editorial	4
Página feminina	13
Meu cantinho	22
Escola Dominical	24
Genealogia	26
Sacerdócio de Melquisedeque	27
Sacerdócio Aarônico	31
Juventude da Promessa	32

a liahona

FEVEREIRO DE 1965
VOL. XIX — N.º 2

*Órgão Oficial das Missões Brasileiras da
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*

Editôres

Gustav Salik
Hélio da Rocha Camargo

Redatora

Diva Ferreira

Fotógrafo

Wayne M. Beck

Tradutoras

Isabel Peixoto
Lás Manzotti
Merly Pickel
Mirna Teixeira
Terezinha Cristina Costa

Circulação

Maria Tereza Covacs
Nilza Aoto

PREÇOS:

Exterior: ANO US\$ 4,00
No Brasil: ANO ... Cr\$ 500,00
Exemplar: Cr\$ 50,00

Fevereiro de 1965

Missão Brasileira

R. Henrique Monteiro 215,
C. P. 862, S. Paulo, SP, fone:
80-4638.

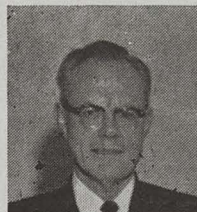
Missão Brasileira do Sul

R. Gen. Carneiro 490, C. P. 778,
Curitiba, PR, fone: 4-8016

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era*, *The Instructor*, *The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

Registrado sob N.º 93 do Livro B, N.º 1 e Matrículas de Oficinas Impressoras Jornais e Periódicos, conforme Decreto N.º 4.857, de 9-11-1930. Composto e impresso na Edit. Gráf. Rossolillo Ltda. - R. Rui Barbosa, 333, S. Paulo.

Jóias do Pensamento



ESSE
DINHEIRO...

RICHARD
L. EVANS

Já discutimos sôbre moderação em vários sentidos e gostaríamos de voltar hoje a falar de moderação em matéria de dinheiro. Muitas vêzes a amizade, sentimentos, amor, lealdade e tudo quanto se-lhe relaciona, embora pareça surpreendente, tornam-se tensas ou cortadas por motivo de dinheiro.

Em uma carta a um lorde, Edmund Burke escreveu: "Desperdiçamos nossa renda em ninharias, eu não sei porque... nossas despesas são quase tôdas com coisas secundárias. Não é o intelecto, nem o coração, nem beleza nem o culto que nos custa muito... é melhor ficar sem do que tê-lo por preço tão alto.

Aprendemos o significado de economia... Pode alguma coisa ser tão elegante como se ter poucas necessidades e satisfazê-las tôdas e assim ter sempre algo para dar em vez de pedir?

"Dinheiro ganho e gasto honestamente", disse outra pessoa, "é o princípio de todo confôrto físico, como dinheiro ganho e gasto desonestamente é o princípio de todo mal." (Independent, Editorial) "Os vícios, leviandades e pecados do homem custam mais do que qualquer outra coisa." (Benjamin Franklin)

"É nosso dever usar o dinheiro em tantos propósitos nobres quanto possível; e êstes deveres são para si próprios e a família... para Deus e o mundo...

Certas despesas que são feitas para grandes demonstrações, por desperdício, para exibição aos vizinhos, reconhecemos como imoderadas e erradas.

Deixe o dinheiro prover a família com o que lhe dará plena, rica e feliz vida familiar, como melhor educação para as crianças.

Sendo usado dessa forma o dinheiro alcança retidão...

Pois, no fim, Deus nos julgará pela forma com que despendemos o dinheiro." (Independent, Editorial)

Finalmente, dívidas, não importa a quem, é uma espécie de escravidão; liquidação das obrigações é um assunto de honra e essa solução é essencial para a perfeição e respeito próprio.

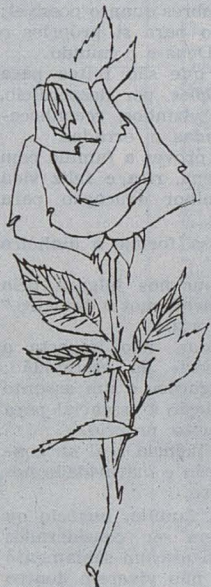
Não há muita influência real ou confiança sem a quitação e maturidade nos assuntos de dinheiro.

Nenhum homem, família, negócio ou mesmo nação podem ser considerados sãos e salvos se não usarem sabiamente o que possuem, se não viverem dentro do seu orçamento, se não saldarem suas obrigações.


Editorial



Vida eterna



Presidente David O. McKay



Ao iniciarmos êste ano o que deveríamos procurar? Não é pela vida eterna? Mas, o que é vida eterna? O Salvador deu-nos esta definição: "E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (João 17:3)

Vida eterna! O que é mais doce? O que é mais precioso? Você, jovem, que gosta de ciência, leia e tente descobrir dos cientistas o que é a vida. Eles não poderão dizer-lhe. Eles vêem seus efeitos e sua manifestação à nossa volta. Eles a vêem em todo lugar — tanto nos bosques, como no ar. Sua maior manifestação está nos filhos do homem — descendência da Divindade — que têm oportunidade de viver para sempre.

Vida eterna é conhecer Deus e Jesus Cristo, a quem Ele enviou. Como poderemos conhecer Deus? Certa vez, um doutor da lei perguntou a Jesus: "Mestre, que farei para herdar a vida eterna?"

E Ele lhe disse: "Que está escrito na lei? Como lê?"

E, respondendo, ele disse: "Amarás o Senhor Teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo."

E disse-lhe: "Respondeste bem. Faze isso e viverás." (Lucas 10:25-28)

Em outra ocasião o Salvador contou a um grupo como eles poderiam saber. Ele falou: "Minha doutrina não é Minha, mas daquele que Me enviou." (João 7:16)

Oh! Juventude! (e aqueles que querem manter o precioso dom da juventude) ouça isto, se deseja conhecer Deus e Jesus Cristo.

"Minha doutrina não é minha mas daquele que me enviou."

"Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se falo de mim mesmo." (Ibid. 7:17)

Aqui está Sua resposta. Mas surge nova questão, qual é a Sua vontade?

Isto é novamente respondido por aquele doutor da lei, que disse: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda alma e de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo." (Lucas 10:27)

Mas isso é mais especificamente respondido por Pedro, o chefe dos apóstolos, no dia de Pentecostes, quando três mil pessoas tinham seus corações magoados e gritavam: "Que faremos, varões irmãos?"

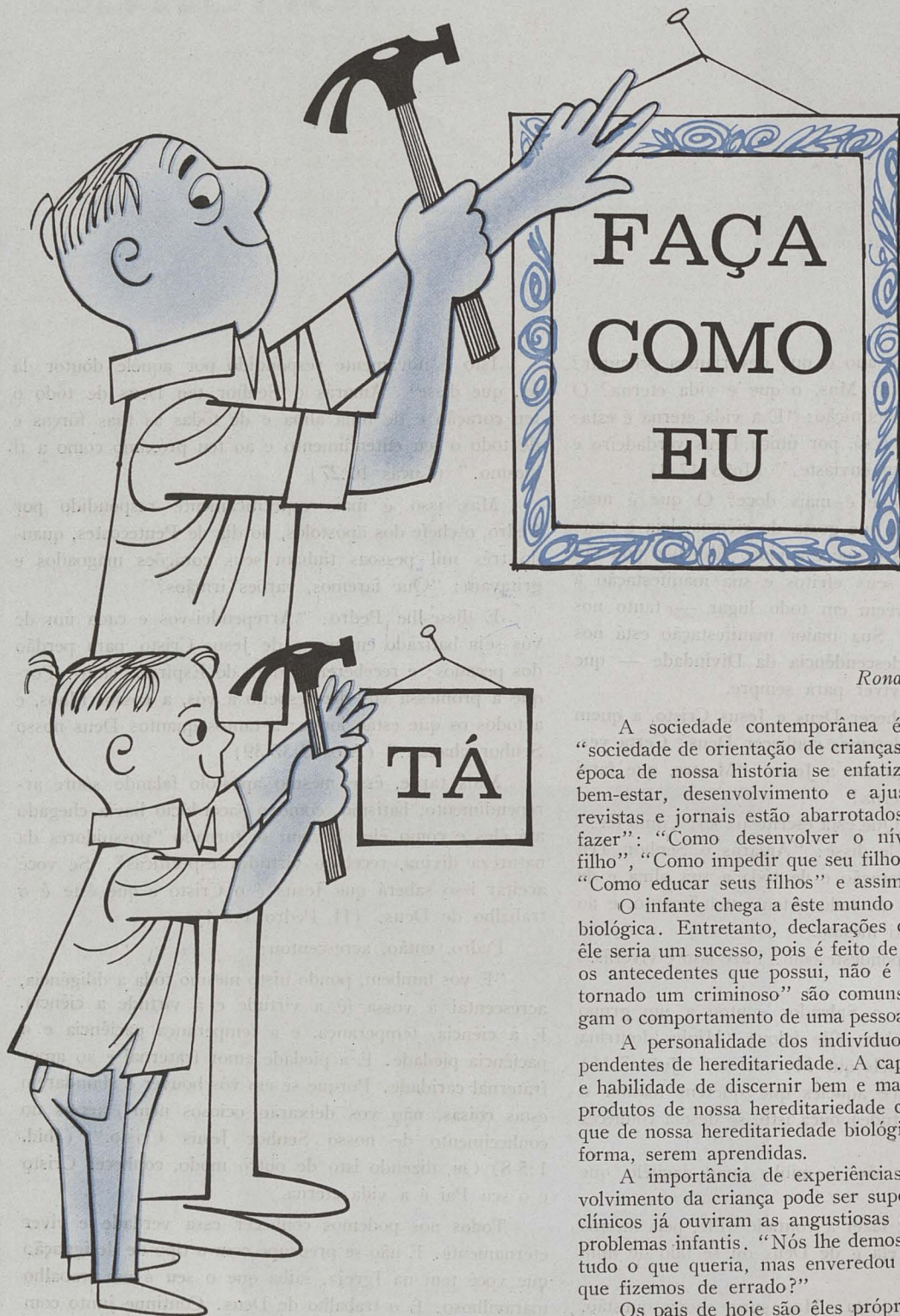
E disse-lhe Pedro: "Arrependei-vos e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe; a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar." (Atos 2:37-39)

Mais tarde, êsse mesmo apóstolo falando sobre arrependimento, batismo, como o sacerdócio havia chegado até eles e como eles haviam se tornado "possuidores da natureza divina, recebido virtudes específicas". Se você aceitar isso saberá que Jesus é o Cristo e que êste é o trabalho de Deus. (II Pedro 1:3-4)

Pedro, então, acrescentou:

"E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude e à virtude a ciência. E à ciência, temperança, e à temperança paciência e à paciência piedade. E à piedade amor fraternal e ao amor fraternal caridade. Porque se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estereis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo." (Ibid. 1:5-8) Ou, dizendo isto de outro modo, conhecer Cristo e o seu Pai é a vida eterna.

Todos nós podemos conhecer essa verdade e viver eternamente. E não se preocupe com o tipo de designação que você tem na Igreja, saiba que o seu é um trabalho maravilhoso. É o trabalho de Deus. Continue junto com Ele e Ele o guiará, não somente agora, mas sempre.



Ronald E. Smith PH.D.

A sociedade contemporânea é definitivamente uma “sociedade de orientação de crianças.” Em nenhuma outra época de nossa história se enfatizou tanto a formação, bem-estar, desenvolvimento e ajustamento infantil. As revistas e jornais estão abarrotados de artigos “de como fazer”: “Como desenvolver o nível intelectual de seu filho”, “Como impedir que seu filho torne-se delinqüente”, “Como educar seus filhos” e assim por diante.

O infante chega a êste mundo com uma rica herança biológica. Entretanto, declarações como esta “Sabia que êle seria um sucesso, pois é feito de bom estôfo” ou “Com os antecedentes que possui, não é surpresa que tenha se tornado um criminoso” são comuns entre pessoas que ligam o comportamento de uma pessoa à sua hereditariedade.

A personalidade dos indivíduos são restritas, se dependentes de hereditariedade. A capacidade moral, caráter e habilidade de discernir bem e mal são mais comumente produtos de nossa hereditariedade cultural e espiritual do que de nossa hereditariedade biológica e elas devem, dessa forma, serem aprendidas.

A importância de experiências adequadas no desenvolvimento da criança pode ser superenfaticada. Todos os clínicos já ouviram as angustiosas queixas dos pais sobre problemas infantis. “Nós lhe demos um bom lar, êle tinha tudo o que queria, mas enveredou por êsse caminho. O que fizemos de errado?”

Os pais de hoje são êles próprios crianças da grande depressão de 1930. Muitos dêles relembram sua infância

como um período de depravação, de dificuldade econômica e, para alguns, período de real privação.

Compreensivelmente, não querem que seus filhos sintam a mesma frustração, ansiedade e necessidade que eles próprios sentiram. O resultado é uma tentativa de dar-lhes tôdas as coisas que gostariam de ter tido e não conseguiram — dinheiro, roupas, automóveis etc.

Mas qualquer diretor de ginásio lhe dirá que o estudante proprietário de automóvel é negativamente correlato com a cultura. Como a porcentagem de estudante que possui carro aumenta, as atuações acadêmicas decrescem. A mãe de um estudante dono de um automóvel que era o orgulho de sua existência foi notificada do mau comportamento escolar do seu filho e foi-lhe observado que desse mais atenção às notas satisfatórias do que às contínuas operações de troca do equipamento automobilístico. Sua resposta foi bem típica e já era esperada: "Eu tentei, mas o carro é tão importante para ele que sentiu-se infeliz." Aqui está um filho que recebeu tudo o que queria mas nada deu em retribuição.

Tais tipos de atitudes paternas produzem um elemento sem iniciativa ou capacidade para despender um grande esforço. Para ele a vida é temporariamente fácil, sem complicações (sempre pode livrar-se das dificuldades sendo apropriadamente contrito) e, o que é mais lamentável, a vida não lhe apresenta desafio.

Uma boa parte da literatura sobre educação infantil é contraditória. Os pais são admoestados de um lado e não "frustrarem" os planos de seus filhos, pois isso é igualmente depreciar seu crescimento psicológico e perverter seu espírito e, por outro lado, são prevenidos a não exercer severo contrôlê sobre o que fazem, onde vão e quem escolhem para amizades, pois isto igualmente significa impeli-los à delinqüência.

É fácil ver quantos pais, perplexos por informações contraditórias, reagem com indulgência, no desejo de manter seus filhos "satisfeitos" e "felizes", esperando que algum milagre os encaminhe para a idade adulta como cidadãos bem ajustados, capazes e responsáveis.

A constante espiral de inflação tem forçado muitas mães ao trabalho fora do lar, a fim de que os vencimentos familiares sejam aumentados. O alargamento no tempo de descanso para o trabalhador tem-lhe dado oportunidades de um programa recreativo mais vasto.

Assim, muitas mães estão trabalhando e muitos pais fazem "serão" para pagarem chalés na praia ou na montanha, barcos, reboques e piscinas, muitas dessas coisas sendo justificadas como "divertimento para os meninos". O fato é que muitas crianças são deixadas entregues a si próprias, sem supervisão e somente com a fugaz impressão de que seus pais existem. Um caso idêntico aconteceu a um ginásiano de quinze anos de idade, que via sua mãe somente ao jantar e seu pai apenas durante os fins de semana. Ambos ficaram extremamente chocados ao serem informados pelas autoridades juvenis que seu filho havia sido prêsô por tirar gasolina dos carros parados no estacionamento de uma loja.

Nenhum deles sabia que seu filho tinha dificuldades na escola, nem quais eram seus amigos, aonde ia ou o que fazia depois das aulas. A sua única defesa foi: "fizemos o melhor que pudemos." Ficaram chocados quando ele foi detido e teriam ficado muito mais quando soubessem, como ficou seu conselheiro escolar, que o garôto os

odiava, que sentia-se sem valor, desprezado, rejeitado e por quem ninguém se importava.

Admissivelmente os casos mencionados representam uma anormalidade na atitude dos pais e processos de educação infantil. Muitos pais não são indulgentes nem rejeitadores nem negligentes. Os conflitos entre gerações tem-se dado através da história e muitos deles poderiam ser eliminados apenas se os mais velhos e os mais moços das gerações contemporâneas entendessem os desejos, metas e processos sociais de cada um.

O principal objetivo dos pais é socializar seus filhos, considerando que a meta infantil é resistir à socialização. Colocando o caso em termos menos específicos, diríamos que os esforços infantis canalizam-se no meio de satisfazer seus impulsos imediata e diretamente, enquanto que a sociedade — na pessoa de seus pais — tende a ensinar-lhes o lugar e ocasião adequados para a satisfação de seus desejos. A criança precisa ser ensinada que, na realidade, alguns desses desejos talvez nunca poderão vir a ser realizados.

Todo pai que pretende fazer de seu filho um cidadão emprega a teoria de como as crianças funcionam e particularmente como aprendem. O pai que utiliza um sistema consistente de castigos e punições na educação de seus filhos está ensinando pela força.

Quando a criança é paga para limpar seu quarto, seu comportamento está sendo punido ou "positivamente forçado". O fato é que o mau comportamento recompensado será fortalecido e o comportamento punitivo eventualmente eliminado. Apesar dos ensinamentos pela força funcionar extremamente bem no treinamento de ratos brancos a percorrer labirintos e leitões a jogar pingue-pongue, por várias razões não funciona tão bem no treinamento de crianças. Primeiro, a força usada deve ser apropriada.

Se a mãe diz: "Seja uma boa menina e faça isto e aquilo e deixe mamãe orgulhosa de você", a criança não estará pronta a fazer isso e aquilo antes de constatar que mamãe é ou não orgulhosa dela, quer faça ou não o trabalho solicitado.

Pagar o garôto menor para lavar o carro não é adequado para ensinar-lhe sobre a necessidade de manter o carro limpo desde que ele possa provavelmente ganhar quatro vêzes mais lavando o carro do vizinho. Alargar demais uma punição por qualquer comportamento é tão falho do ponto de partida do aprendizado como dar pequena punição e a tendência de focalizar com irregularidade a atenção da criança mais no fim do que no propósito das coisas.

Isso também serve para promover uma saciedade que destrói a motivação. Por exemplo: Se o caçula ganha a tão desejada bicicleta por conseguir nota dez em seu boletim, o valor pessoal de tirar nota tão alta não somente é empanado pelo fulgor da bicicleta, mas qualquer interesse de conseguir tais notas no futuro será nulo.

A segunda dificuldade no uso da força como meio de educação infantil é a tendência dos pais de aplicá-la impulsiva e inconsistentemente. Particularmente nas primeiras fases do processo de educação, a força, positiva ou negativa deve ser aplicada na ocasião que o comportamento requerer e isto deve ser feito o mais breve possível. A mais séria dificuldade quanto ao mau emprego da força provém da aplicação inconstante do arrependimento e punição.

A criança cujo mau comportamento é indefinidamente tolerado pelos pais e, de repente, encarado com punição impulsiva, recebe algumas confusas noções sobre o que constitui o certo e o errado.

As crianças caracteristicamente testam seus pais, a fim de determinarem os limites de comportamento que tolerarão. Os limites de comportamento bem definidos guiam-nas para o senso de segurança, visto que as crianças que são inconsistentemente castigadas pelos pais tendem a olhar o mundo como um lugar ameaçador, onde as boas e más coisas ocorrem sem qualquer padrão prognosticador.

A habilidade de ligar e integrar informações concretas com discernimento é algo que depende grandemente da experiência e a experiência é justamente algo que as crianças não possuem. O maior erro praticado por pessoas que lidam com crianças, segundo a opinião da maioria dos psicólogos, é considerá-las como "miniaturas de adultos". Não são adultos nem intelectual nem psicologicamente.

A criança que obedece as ordens dos pais o faz porque deseja agradá-los e não porque entende o fundamento da ordem dada. Nenhum limite de idade deve ser estabelecido porque os valores para os adultos são freqüentemente tão incompreensíveis para um garoto de dezesseis como para um de seis anos.

Palavras como bom, mau, moral, imoral, ateu são palavras de adultos e não de crianças. E se elas as compreendem, seu entendimento é distorcido ou fragmentado.

Com tempo suficiente e experiências bem variadas, as crianças definirão adequadamente o conceito dos adultos, mas não podem ser apressadas, pois apenas ficariam confusas.

A procura da identidade pessoal (quem sou eu) continua através da infância e consiste no treinamento de opiniões, atitudes, emoções e padronização dos hábitos em grande variedade, até que alguma coisa finalmente "case".

Os primeiros modelos experimentados pela criança são os que se identifiquem com os pais, pois são pessoas que parecem capazes de resolver os problemas da vida com uma certa dose de presteza e parecem ser capazes de fazer o que querem e quando querem. Ninguém lhes diz "não" ou "não pode" ou "não deve". São pessoas que existem para serem admiradas e imitadas e a criança as imita.

O detalhe e magnitude dessa imitação é, com freqüência, surpreendente: Pode ser tão perfeito que as pessoas que ignoram o fato dirão sobre uma criança adotiva "Rapaz, com certeza você pode dizer a quem ele saiu, pois anda e fala como você e tem seus mesmos maneirismos."

Muitas investigações psicológicas têm sido feitas para se determinar e ampliar essas imitações infantis e os resultados invariavelmente indicam que as crianças não somente imitam todas as virtudes como também todas as faltas de seus pais. Esse último detalhe é que causa aos pais tantas dores de cabeça.

O pai repreende o caçula com o objetivo de fazê-lo respeitar as leis e as autoridades e logo depois conta à esposa como ludibriou o governo em cinquenta mil cruzeiros relativos aos impostos e indaga porque o menino parece não haver entendido a preleção que lhe fizera. Ou então a mãe dá palmadas em Suzana por haver falado mentiras e o telefone toca e ela diz ao esposo "se fôr para mim, avise que não estou."

A tendência desse tipo de comportamento é fazer com que as crianças sintam que seus pais não são sinceros e também para apontar-lhes a falibilidade dos pais e que não devem ser uma cópia fiel dos mesmos.

O desenvolvimento da personalidade toma tempo e por essa fase ser tão demorada é bem difícil de ser tolerada pelos pais. Indagam se a criança jamais vai aprender boas maneiras ou a comportar-se como adultos perante outras pessoas. Geralmente são impacientes. Para eles é difícil constatar que estão lidando com um organismo jovem, inexperiente, sem sofisticação, que deve aprender que há tempo e lugar para tudo, que comportamento em público e comportamento privado são duas coisas diferentes mas imutáveis, que diferentes pessoas têm diferentes padrões de conduta, de ideais, de moral. Têm de aprender que a sociedade aprova os vários padrões de conduta, mas jamais estabelece definitivamente os limites de tolerância para com o comportamento. Têm de aprender, ainda, que a sociedade é uma construção humana e que por isto é imperfeita, refletindo todas as suas fraquezas.

A maturidade virá inevitavelmente e, por vezes, chegará com surpreendente rapidez. Mas apesar de aparecer de súbito, representa o fim da longa estrada do aprendizado e desenvolvimento, onde, com freqüência, o progresso foi dolorosamente vagaroso. Os pais podem ativar essa chegada, demonstrando para seus filhos acertados modelos de comportamento. Assim agindo, removem um grande obstáculo do caminho, isto é, a confusão que ocorre na mente da criança quando seus pais lhes dizem para agir de um modo e procedem contrariamente.

(continuação da pág. 15)

"... Em todas essas coisas o oficial da presidência é o cabeça e deverá ser considerado como tal pelos seus associados. Nenhum homem possuindo o perfeito entendimento do espírito do evangelho e da autoridade e lei do Santo Sacerdócio deverá pensar em ultrapassar seu superior e tudo deverá ser feito em harmonia com o seu desejo e a autoridade que lhe pertencem. No momento em que um homem em posição inferior tenta usurpar a autoridade do seu superior, no momento que está fora do seu lugar e prova por sua conduta que não compreende seu dever, que não aje de conformidade com o seu chamado, ele torna-se um elemento perigoso. Dará maus exemplos, se desviará, guiará os outros a erros... no momento em que ele aje contrária e independentemente da direção da autoridade maior. E se ele continua assim fazendo, se desencaminhará completamente e aqueles que o seguem se desencaminharão também."

Finalmente, deve ser dito que os membros da presidência devem trabalhar conjuntamente. Os conselheiros não devem somente executar seus deveres específicos, mas terão que dar completa assistência ao presidente, com empenho, para sucesso de todo programa.

Por sua vez o presidente deverá ter completo reconhecimento por seus conselheiros.

Consistindo em um dos princípios básicos serem os conselheiros do presidente, chamados para ajudá-lo e assisti-lo. Quando o mesmo é desobrigado, os conselheiros automaticamente também o são.



Religião e Ciência

DR. HARVEY FLETCHER

Lembro-me de quando fui ordenado diácono. Estava na reunião sacerdotal e, de repente, o Presidente do Ramo chamou-me para falar. Fiquei de pé, olhando para os lados, como a gente faz quando fica nervoso. Finalmente, ouvi estas palavras. Parecia-me que não era eu quem falava. Disse: "É melhor ser bom do que ser grande." E sentei-me.

Estas palavras permaneceram em minha mente... Acho que a coisa mais importante em nossas vidas é nossa atividade religiosa. É mais importante que qualquer conhecimento que adquirirmos no mundo secular.

"Ciência e Religião", parece ser um tema favorito dos jovens de nossa era espacial. Acho, particularmente, que isto é verdade, porque aqueles que aprendem um credo ou filosofia sobre a relação de Deus e o homem e depois vão à escola, encontram alguns fatos que parecem contrariar o aprendido em casa. O Pres. Brimhall costumava referir-se a este período como o desenvolvimento da mente do calouro. Às vezes, é difícil ajustar-se e alguns estudantes nunca o conseguem.

Um cientista que tem fé em Deus pode conservá-la se continuar a praticar a religião. Tal pessoa é capaz de fazer isso a despeito das conclusões científicas que parecem, no momento, contradizer a fé religiosa. Essa foi minha experiência.

Então o cientista começa a racionalizar tanto os pensamentos religiosos como suas descobertas científicas para ver se pode ser feito algum acôrdo. Frequentemente, acha que o que pensava era sua crença religiosa, não um fato científico e procura chegar-se a um acôrdo entre os dois.

As vezes, contudo, tal resolução não satisfaz seus companheiros de religião, ou seus colaboradores científicos, mas traz satisfação à sua mente; outras, também, parece não haver possibilidade de acôrdo. Para estes casos, êle tem que pensar, simplesmente, que é um caso sem solução e esperar que algum dia no futuro, maiores conhecimentos resolverão o problema.

Vamos dar uma olhada em nosso mundo físico e ver algumas das limitações da mente humana para compreendê-lo. Uma das primeiras coisas que vemos é que o mundo é feito de matéria. Esta matéria pode ser dividida em duas partes: animada e inanimada.

Qualquer destas duas classes tem muitas características em comum e ambas estão sujeitas a duas grandes forças universais. A primeira é chamada força de gravidade. Toda partícula de matéria atrai outra partícula. Nenhum cientista é capaz de dizer porque isto é verdade, mas é possível prever a hora que vai acontecer um eclipse da lua, com centenas de anos

de antecedência e com a precisão de segundos. Assim, todos são atraídos para outros indivíduos, quer queiram quer não. Também, cada um é atraído por outra partícula do universo por esta força. Todos conhecemos a força de gravidade da terra sobre nossos corpos e todas as nossas atividades e temos que tomar parte nisso, a despeito do fato de não compreendermos porque deve ser assim ou qual a causa.

Seria tolice dizer: "Não acredito porque não posso compreender."

O segundo grande laço entre nós e cada partícula da matéria vem de outra propriedade da matéria. Ela é composta de moléculas, que, por sua vez, podem ser divididas até chegarmos ao átomo. Cada átomo é um universo em miniatura. Tem um núcleo ao redor do qual giram partículas minúsculas de eletricidade, chamadas elétrons. Esses elétrons são os constituintes fundamentais da matéria. Alguns deles podem desprender-se do átomo, causando o que chamamos de eletricidade.

Êstes elétrons formam um grande grupo social. São ligados intimamente por elos individuais de tal maneira, que quando um deles pára ou muda seu movimento, de qualquer forma, todos os outros elétrons do universo são afetados.

Quando se efetua tal mudança o elétron emite uma onda, com a velo-

cidade da luz ou com a velocidade de 335.000 km por segundo.

Por isso, quando tal mudança de movimento de um elétron se verifica, é assinalado em toda a terra em menos de 1/17 de segundo.

É esta a propriedade que torna possível a existência do rádio e da televisão. Estes elétrons numa antena são feitos para dançar com a música ou discursos. Esta maneira de dançar é transmitida com a velocidade da luz nos elétrons de seu televisor, onde as vibrações elétricas são convertidas em sons.

Os satélites são um bom exemplo do uso desses fios eletrônicos. Os engenheiros que ficam nas estações da terra com aparelhamento apropriado, podem manejar esses fios como se os satélites fossem marionetes, mesmo que estejam girando em torno da terra com velocidade de 7 ou 8 quilômetros por minuto.

Os engenheiros foram capazes de guiar o satélite Vênus durante três meses. Mesmo quando estava a milhares de quilômetros de distância, passando perto do planeta Vênus, receberam informações valiosas a respeito da superfície de Vênus.

Tôdas as vezes que pensamos em flexionar um músculo, estas ondas são enviadas aos elétrons de seu corpo. Cada atividade fisiológica (as batidas do coração, a respiração etc.) envia ondas elétricas. Podem ser apanhadas por um aparelho apropriado usado pelo médico no diagnóstico de doenças do mecanismo humano.

Dei-lhes estas explicações breves para que compreendessem que, mesmo num sentido material, você é parte de uma organização grandiosa e precisa, que não pode nunca agir ou pensar sem influenciar todos os outros indivíduos do mundo. Sabendo isto, consideremos por um momento as limitações da mente humana na compreensão do que chamamos espaço de tempo em nosso universo.

Vamos dar uma olhada ao que chamarei de seis mundos diferentes, onde o tempo e o espaço são tão vastos e diferentes que mal podemos compreendê-los.

O primeiro de todos é o mundo Um, aquele em volta do qual a mente pode facilmente sentir o tempo e o espaço. Aqui, um segundo de tempo é o mesmo tempo que o coração leva para dar uma batida. Um dia é o tempo necessário para o sol nascer e pôr-se e

um ano é o tempo que leva a terra para dar uma volta ao redor do sol. As distâncias são medidas em jardas e o comprimento de um braço; em milhas, isto é, a distância que uma pessoa pode caminhar em quinze minutos. Estes tempos e comprimentos estão intimamente ligados a nossas experiências diárias.

Agora, o mundo que chamarei Dois é aquele no qual as moléculas, os átomos e os elétrons são indivíduos. Novas medidas de tempo imperam aqui. Seria preciso 100 milhões de átomos, colocados lado a lado, para formarmos uma polegada. A escala do tempo é correspondentemente pequena.

Alguns dos elétrons fazem trilhões de viagens por segundo ao redor de seu núcleo. Se fosse possível a um ser humano viver num elétron, considerando-se um ano o tempo que este pequenino planeta levaria para dar uma volta ao redor de seu núcleo, então concluiria que levou um bilhão de anos para a colossal figura do homem piscar um olho.

Isto não é o fim, pois como nos movemos dentro do átomo, que chamarei de Mundo Três, as escalas de tempo e espaço mudam-se novamente por um outro fator de milhões. É a exploração desse mundo que tem produzido as bombas atômicas de hidrogênio e o poder nuclear.

Agora, ao nos movermos nestes pequeninos mundos, olhemos para alguns grandes mundos a nosso redor — o Mundo Quatro — o próprio universo. A escala conveniente a ser usada aqui é a da distância percorrida pela luz num ano, que é cerca de 10 trilhões de quilômetros. As estrelas brilhantes que vemos estão distantes de 3 a 100 dessas unidades.

Similarmente, a escala de tempo deve ser mudada neste Mundo Quatro. Os astrônomos nos dizem que a grande galáxia das estrelas, da qual fazem parte o sol, com seus planetas — inclusive a terra — é parecida com uma roda gigante de um carroção, e dá uma volta ao redor de um centro comum, fazendo uma rotação em 200 milhões de anos.

Agora, novamente, se um ser inteligente pudesse viver numa dessas estrelas e se seu ano representar o tempo que a galáxia leva para fazer uma rotação e dividindo este ano em minutos, como fazemos, ele poderia olhar para a terra e ver o que estava

acontecendo. Em apenas quinze minutos, seria testemunha de todos os acontecimentos históricos da terra, desde Adão até o presente momento.

No Mundo Cinco, devemos novamente aumentar nossa escala em cerca de bilhões. É o mundo das nebulosas e das galáxias. Os astrônomos podem observar consideráveis detalhes nestas criações gigantescas usando telescópios. Eles nos dizem que são separados por bilhões de anos-luz. Cada uma é uma galáxia semelhante àquela da qual fazemos parte. Estima-se que há milhões dessas galáxias dentro das limitações de nossos telescópios.

Então, finalmente, há o Mundo Seis, chamado Mundo Eterno, no qual não existe tempo. É difícil para nós entendermos, talvez impossível, mas há evidências nas escrituras:

“E a cidade (Nova Jerusalém) não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumado e o Cordeiro é a sua lâmpada.

“E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite.” (Apocalipse 21:23,25)

“...tudo será como um dia para Deus, pois o tempo somente é calculado pelos homens.” (Alma 40:8)

Vemos, então, que não existe uma única idéia, pois os indús acreditam no mesmo. Crêem que, onde Deus vive, não há tempo, pois o tempo é do homem; por isso, no Mundo Seis, não há começo nem fim de tempo.

Consideremos agora alguns dos problemas do pensamento racional a respeito da ciência e religião. Primeiramente discutiremos as duas dificuldades de uma pessoa que crê em Deus; depois as duas dificuldades de uma pessoa que não crê em Deus.

Onde vive Deus? Onde estão os céus? Como Deus responde às orações?

Os céus não são simplesmente algo sobre as nuvens como era acreditado pelos primitivos cristãos; os russos dizem que os astronautas em seus satélites ultrapassaram mais de 1.800 km de altitude, provando que os céus são um mito. Se é possível que existe, não é visível ao olho humano. Está localizado além do vasto sistema de estrelas em algum lugar.

O problema de comunicação entre Deus e o homem torna-se quase incompreensível para o cientista. Contudo, se acreditarmos em Deus e em seus mensageiros, e que os espíritos

que já viveram aqui ainda estão nesta terra ou perto dela e que, devido à sua natureza, não podem ser vistos pelo homem, então as dificuldades desaparecem.

Como foi dito antes, podem ser transmitidas mensagens pelo rádio em menos de 1/17 de segundo. E não é difícil para um cientista acreditar que se tais seres estão ao nosso redor, poderiam mostrar sua presença através de certos estratagemas que poderiam facilmente conjecturar.

Ou talvez poderíamos resolver o problema acreditando que há uma comunicação mais rápida que a velocidade da luz, algo como ondas gravitacionais. Mas, embora o homem ainda não tenha encontrado tais mé-

todos, é possível que existam, para que a comunicação rápida possa ser feita através do universo.

Junto com a crença em Deus, um indivíduo deve, acho eu, acreditar na sobrevivência do homem após a morte. Isto é bastante difícil para um cientista que vê a desintegração de um corpo na terra, voltando aos seus elementos de origem. Para o ponto de vista científico, isto é o fim do indivíduo.

Quando primeiramente pensamos, parece não haver saída para esta dificuldade. Mas, por outro lado, se este é o desígnio do homem, então ele deve simplesmente ser uma máquina feita ao acaso.

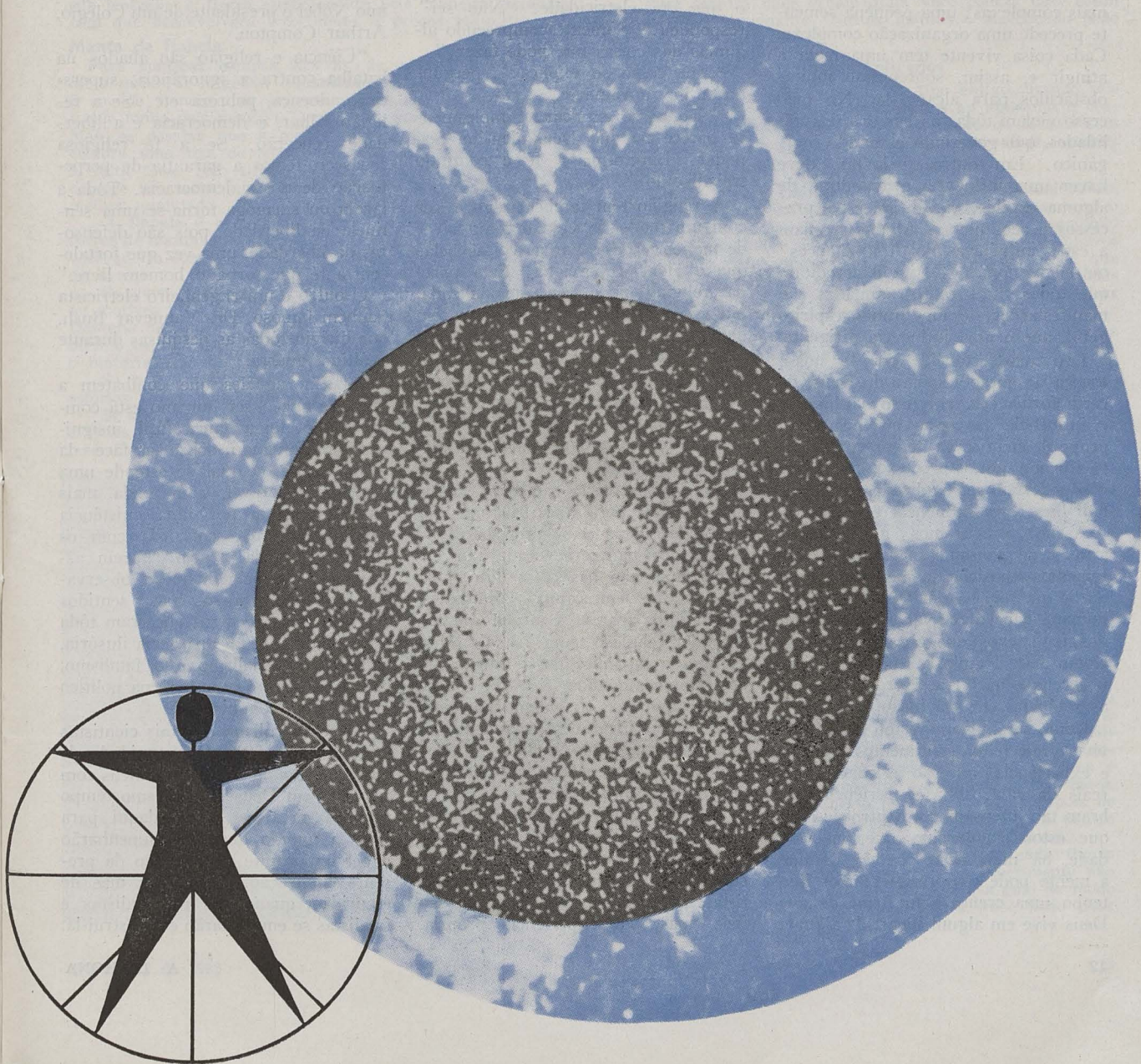
Este pensamento é revoltante para

nossa própria dignidade, e quero deixar bem claro isto: é matematicamente impossível, se usarmos as leis da probabilidade.

Por isso, devemos pensar que o homem tem duas partes, uma das quais se desintegra ao morrer e a outra parte que continua a viver embora não tenhamos meios científicos para vê-la ou sentir sua presença.

Essas são as dificuldades de uma pessoa que crê em Deus. Vejamos agora as dificuldades daqueles que não acreditam em Deus.

No mundo orgânico, temos um princípio chamado entropia, segundo o qual todos os processos do mundo inorgânico se processam de forma que as coisas quentes estão se tornando



frias e as frias estão se tornando quentes. Outra forma de explicar isto é que tudo está passando de uma organização mais complexa a uma mais simples, até que não haja mais energias inacessíveis. Este resultado pode ser predito por cálculos matemáticos baseados nas leis das oportunidades.

Para meu discurso na Igreja, logo após o lançamento da primeira bomba atômica, escolhi como assunto, "A bomba atômica proclama que há um Criador". Foi esta a impressão que tive. Pode-se ver porque. Pois se o mundo está continuamente descendo de nível, o que é uma afirmação fundamental da ciência, quem o fez descer?

No mundo dos seres animados, está acontecendo justamente o contrário. As coisas mais simples antecedem as mais complexas: uma pequena semente precede uma organização complexa. Cada coisa vivente tem uma meta a atingir e, assim, sobrepujam muitos obstáculos para alcançá-la. No processo violam todas as leis das possibilidades, que governam o mundo inorgânico. Em outras palavras, deve haver uma influência orientadora, de alguma espécie, que dirige estes processos a suas metas. Alguns chamam a estas influências de "anti-chances" ou outros nomes. Os indús acreditam que todas estas coisas animadas são manifestações de um grande espírito geral, que é uma influência dirigente.

Isso quase coincide com a nossa crença de que o Espírito de Deus, de certa forma está em todo o universo e influencia as coisas viventes. Um grupo de cientistas russos recentemente afirmou que os processos biológicos não poderiam ser explicados sem atribuir-lhes certa influência orientadora.

Assim, procuramos guias cegos através de pensamento racional, quer tomemos a posição de que há um Deus ou de que não há um Deus. A mente humana não parece ver a consistência dos fenômenos que observa e sente. Como disse Hamlet: "Há mais coisas nos céus e na terra, Horácio, do que as sonhadas em sua filosofia.."

Como ser humano, estou ciente que vivo e que tenho sentimentos internos e experiências que são as coisas mais reais da vida. Estas experiências vibram tão intensamente dentro de mim que estou convencido que, na verdade, há mais neste mundo do que a mente pode compreender. Por isso tenho uma crença bem firme de que Deus vive em algum lugar, de alguma

maneira e que a vida em si tem um propósito para cada um dos que aqui vivem.

Alguns dos conflitos aparentes entre a religião e a ciência, são resolvidos quando definimos o que é religião e o que é a ciência. A ciência é uma relação de fatos observados. Se não, deixará o domínio da ciência e entrará no domínio da especulação.

Por outro lado, a religião trata das relações do homem com Deus, o propósito da existência do homem, de onde veio, porque está aqui e para onde irá. Isto tudo vai além do domínio dos fatos observados, pelo menos para a maioria dos seres.

Gostaria de ilustrar com um fato acontecido com Thomas A. Edison, o grande inventor. Perguntaram-lhe o que era eletricidade. "Não sei", respondeu. "Sómente compreendo algumas das coisas que pode fazer."

"Mas como se explica?", perguntaram-lhe novamente.

"Não posso explicar. Simplesmente parece-me que Deus deu-lhe Seu poder. Limite-me à fé e continuo trabalhando."

A religião tem também algo a ver com um modo de vida e como viver de maneira a apreciar as coisas belas que a vida proporciona. Esta parte da religião pode ser racionalizada. Na verdade, alguns psicologistas têm definido a vida feliz e as características da maturidade e quase concordam com o que nos têm ensinado os líderes durante vários séculos. Mas, lembremo-nos que a fé é a honesta convicção que produz a motivação que permite que se viva bem esta vida.

As ciências físicas são mais exatas, mas somente para coisas inanimadas. Se os cientistas e os professores de religião permanecerem cada um em seu campo, não haverá conflito, porque estarão em campos diferentes. Os conflitos aparentes surgem quando um líder religioso tenta instruir sobre as leis da dinâmica ou desintegração dos átomos, quando ele sabe pouco sobre o assunto; ou quando um cientista tenta criticar o procedimento de uma pessoa religiosa, quando ele mesmo nunca sentiu a convicção interna que motiva tal pessoa.

Tem se desenvolvido entre alguns membros da Igreja a noção de que os cientistas, em geral, não têm fé em Deus. É verdade que muitos cientistas são agnósticos e que poucos são fiéis, mas, por experiência própria,

encontrei maior porcentagem de cientistas que acredita em Deus do que entre a população.

Outra grande evidência de que os cientistas podem harmonizar a ciência com a religião dos santos dos últimos dias é que existe um grande número de cientistas e engenheiros que estão recebendo os aplausos de seus colegas e que são, ao mesmo tempo, diáconos, presidentes de Ramo e de Distritos, e que estão desempenhando outros grandes cargos na Igreja.

Poderia fazer uma lista completa dos cientistas eminentes que declararam sua fé em Deus. Agora, vou dar o nome apenas de dois deles, os quais tiveram papel de destaque na vitória da Segunda Guerra Mundial.

Um deles é cientista famoso, prêmio Nobel e presidente de um Colégio, Arthur Compton.

"Ciência e religião são aliados na batalha contra a ignorância, superstição, doença, pobreza etc. Se a religião falhar, a democracia e a liberdade vencerão. Se a fé religiosa renascer, temos a garantia de perpetuação de nossa democracia. Toda a igreja ou sinagoga torna-se uma sentinela da liberdade, pois são defensoras da liberdade, uma vez que fortalecem a fé que torna o homem livre."

O outro é um engenheiro electricista também famoso, Dr. Vannevar Bush, que dirigiu todas as pesquisas durante a última guerra.

"Assim, aqueles que combatem a idéia de que o ser humano está comprometido numa dança fútil, insignificante, flutuando sobre a face da terra, diante da qual se estende uma cortina inexorável, com nada mais do que a luta por uma existência desagradável, não concorda com os ensinamentos da ciência. Fazem assim porque concluem que a observação limitada de nossos fracos sentidos e seus poucos recursos encerram toda a realidade. De tal aparência ilusória, surge o materialismo e o fatalismo, construído agora num sistema político gerado para conquistas."

Os céus proíbem que tais cientistas saiam desta escola (Universidade de Brigham Young). Antes, homens com firme fé em Deus e ao mesmo tempo grandes cientistas sairão daqui para todo o mundo, onde desempenharão papel importante na salvação da presente civilização, durante os dias de escuridão, quando os materialistas e fatalistas se empenharão em destruí-la.

Página Feminina

Manta alcochoadas para bebê

Cubra seu bebê com essa manta acolchoada de rara maciez. É sempre algo que se pode adicionar a qualquer enxoval, pois estas mantas econômicas são práticas para presentes ou para ajudá-la a levantar fundos financeiros no seu bazar da Sociedade de Socorro. Deixe que sua imaginação trabalhe e ficará surpreendida pela maneira agradável com que desenvolverá boas idéias a preços reduzidos.

Manta de flanela

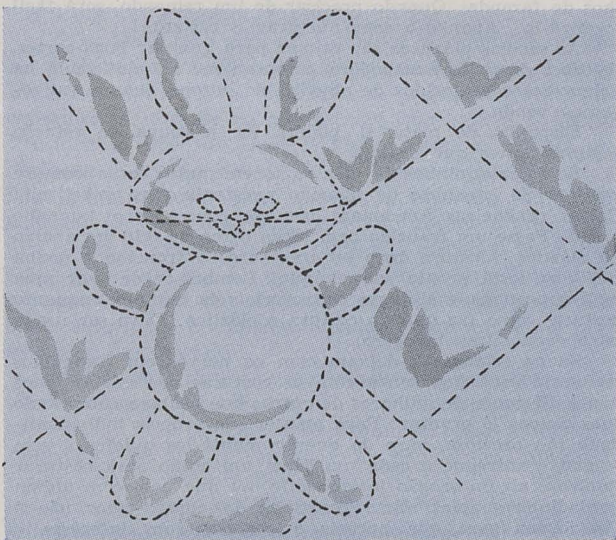
Para começar compre 2,70 m. de musselina ou alpaca, meio quilo de algodão (quantidade para duas mantas) e 2 m. de flanela lisa ou estampada. Certifique-se que o tecido tenha pelo menos 0,70 m. de largura, que é o bastante. Mas, se desejar que a manta seja um pouco mais larga, costure uma tira de tecido contrastante ou da mesma cor à volta toda, com tiras mais largas dos lados. Ou então compre seu tecido em tapeçaria, pois são mais largos e de melhor qualidade.

A flanela é bem macia para confeccionar confortáveis fôrros de mantas. É lavável, durável e de baixo custo. Talvez você queira confeccioná-la em flanela, tanto do direito como do avesso.

Se tiver pendor artístico, idealize um número de figuras ou motivos infantis para riscar sobre a musselina ou alpaca. Desenhe os motivos preferidos num papel de embrulho do mesmo tamanho que a manta, transportando-o depois para o material, usando papel carbono.

Se precisar de auxílio, procure livros coloridos ou de estórias e decalque animais ou figuras.

Se não quiser perder tempo para bordar, poderá comprar crayons coloridos de cêra e pintar as figuras em cores firmes. Depois, pressione com um pano mergulhado em vinagre



forte misturado com água para fixar as cores. Eis também uma boa maneira de usar tintas têxteis com bom aproveitamento.

Manta de Cetim

Para mantas mais ornamentais, você poderá usar cetim ou material semelhante. Nestas mantas o acolchoado pode ter desenhos variados.

Acolchoado de Retalhos e Aplicados

Talvez você prefira mantas do tipo antigo, usando seis ou oito pequenos quadriláteros bordados ou aplicados e costurados em tiras do mesmo material usado no fôrro. Esta é uma boa maneira de aproveitar retalhos de outras costuras.

Confeção

Quando você terminar a parte de cima do acolchoado, poderá começar a costurá-la, unindo as duas partes com o algodão dentro. Para isto, alfinete o lado direito, seguindo o modelo escolhido. Então comece a fazer os alinhavos pequenos ao redor de cada figura, assegurando-se de que está prendendo toda a espessura do material. Junte todas as pontas com viés de algodão ou fita de cetim, ou tiras de viés do material que desejar.

Se não tiver a moldura para acolchoar, poderá alinhar tiras resistentes de algodão em quatro ripas longas e estreitas, deixando 0,20 m de sobra em toda a volta, de maneira que os alfinetes possam prender o acolchoado com firmeza. E então você poderá comprar quatro encaixes para prender as ripas nos quatro cantos. Escore a moldura sobre quatro cadeiras.

Mantas duplas unidas por laços

Aqui está uma idéia para confeccionar mantas fáceis de se fazer. Não é necessário ser acolchoada, mas é ligada por fios de lã. Compre um molde que tenha animais grandes ou figuras de circo e coloque um cobertor de algodão usado entre a parte da frente e a das costas do acolchoado. Use um fio de linha colorido e faça o alinhavo bem de leve sobre toda a espessura, deixando os fios de cima bastante longos para depois serem cortados e amarrados. Poderá alinhavá-los em fileiras. Corte o fio de cima ao meio para amarrar. Dê um laço em cada 5 cm. em fileiras uniformes. Não amarre o laço muito apertado, pois pode encolher e reventar.

Se desejar um acolchoado que seja mais pesado ou volumoso, que tanto pode ser usado como colcha ou como manta, faça então a parte de cima com um desenho inteiro e o avesso de boa flanela pesada, sem algodão ou qualquer outro material entre eles. Coloque a parte de cima e a de baixo bem certinhas e costure à máquina os três lados, deixando o quarto lado aberto para ser virado. Depois de virar, dobre as pontas para serem abainhadas para dentro e costure à mão. Esta manta não precisa de debrum.

Alinhave então as bainhas e em volta de cada figura com o ponto mais largo de sua máquina. Experimente não puxar a manta enquanto costura, mas apenas guie de modo suave para impedir que enrugue. Agora você pode tirar os alinhavos.



A professôra de trabalhos manuais

Sylvia Lundgren

Entre a inocência da juventude e a dignidade das irmãs mais idosas encontramos a simpaticíssima e abençoada professora de trabalhos manuais.

As professoras de trabalhos manuais provêm de diversos lugares, mas tôdas têm a possibilidade de ensinar, inspirar e preservar os padrões da Sociedade de Socorro e do lar, para tornar agradável as horas gastas na organização e orientação dos planos, tendo sempre novas idéias quando um trabalho é terminado e outro vai ser iniciado.

As professoras de trabalhos manuais são encontradas em todos os lugares — lojas de artigos femininos, lojas de variedades, lojas de antiguidades, supermercados, sótãos, porões, quintais e cozinhas. Elas estão planejando, sempre planejando como inspirar os membros a usar seus talentos e a desenvolvê-los ao máximo.

Os presidentes ficam satisfeitos com o seu trabalho, os conselheiros pedem seu parecer, líderes trabalham com elas e maridos e filhos se perguntam o que estão fazendo com tôda aquela bugiganga.

Uma professora de trabalhos manuais é linda com sua mente criativa, sábia com cola nos dedos — a esperança da Sociedade de Socorro, com tesouras, agulhas e linha nos bolsos.

Quando ela põe em prática seus planos, a sua Sociedade de Socorro é ativa e feliz com sua realização, mas quando ela faz planos para somente um mês e talvez justamente em cima da reunião de trabalhos, ela não é bem sucedida e o espírito da Sociedade de Socorro começa a empanar.

Uma professora de trabalhos manuais é versátil. Ela tem voracidade por reuniões com lanches, a disposição de um anjo, a curiosidade de um pesquisador científico, a energia de uma bomba atômica, a imaginação de um grande desenhista, o entusiasmo de fogos de artifício. Quando ela planeja uma aula de trabalhos, aproveita o talento de tôdas as irmãs.

Elas gostam das irmãs que são ativas, que chegam a tempo e desenvolvem seus próprios trabalhos.

Não é muito entusiástica quanto às freqüentadoras que chegam depois e se vão antes da hora, não membros que trabalham relutantemente, nem de demonstrações mal planejadas.

Ninguém mais tem tanta inspiração com uma garrafa bonita, latas de tinta, restos de lã e outros materiais ou com dez xícaras de farinha de trigo integral.

Ninguém mais pode fazer um acolchoado num dia, bonecas de pano, jóias de fantasia, cestas para compras, demonstrações de como se colocar u'a manga, costurar golas, conservar a mobília, economizar dinheiro, fazer geléia de morango e ainda ter pão assado para o lanche.

Ninguém mais pode fazer uma coordenação tal que cada uma tenha tempo de demonstrar seu material.

A professora de trabalhos manuais é um gênio. Ela tem o privilégio de trabalhar com tudo e todos que possuam talento. Ela pode fazer os tímidos recém-batizados membros sentirem-se necessários e apreciados. Ela pode ir à casa de um nôvo membro e descobrir um trabalho de arte, um tesouro ansiando ser repartido e usado. Ela pode conseguir trazer de volta uma irmã que estava se afastando da Sociedade de Socorro.

Você pode encontrar uma professora de trabalhos manuais fora da capela, mas não pode tirá-la de perto do telefone. Você poderá dar-lhe tôda a liberdade que ela precisa e ela deixará sua reunião de trabalhos no máximo de atividade e participação. Ela poderá desistir. Ela é um gênio, sua escrava devotada, sua guardiã, o mastro principal da reunião de trabalhos, seu ponto de apóio e sua verdadeira irmã.

Quando você sente que seus recursos terminaram e seu orçamento esgotou-se, suas rotinas caseiras precisam ser reorganizadas, mas você não sabe como e sente-se frustrada por haver tentado e falhado, ela poderá curar tôdas as suas doenças com a magia de comparecer a uma reunião de trabalhos.

Hora de costurar

Dorothy C. Little

Hoje é dia de costurar? Faça então uma boa limpeza. Planeje e organize todos os artigos que você quer preparar para o próximo mês. Bem, em lugar de costurar hoje, deixe a máquina de costura fechada e passe o dia cortando as peças que planejou. Poupe a confusão e cansaço de cortar cada vez que costurar, e poderá passar mais tempo realmente costurando cada vez que abrir a máquina.

As sacolas de plástico são perfeitas para guardar retalhos de fazenda. Quando precisar de um remendo, será fácil localizá-lo. Apanhe-o sem misturar o restante!

As sacolas plásticas são ótimas para guardar bons cortes. Se fizer dessa forma, poderá comprar seu veludo cotelê na primavera e os tecidos de algodão no outono quando estiverem à venda.

Dispondo do material, poderá ter a roupa da estação seguinte antes que chegue.

Se os casaquinhos de menina forem muito caros, compre um par de calcinhas de algodão resistente para substituir! Calças rancheiras funcionam bem se conseguir o tamanho exato. Passe um franzido bem largo cerca de 0,10 cm abaixo do elástico. Costure duas ou três vezes o franzido e ponha um laço; está pronta sua anágua! Lembre-se de usar uma agulha pequena, e alinhave os materiais da calcinha enquanto costura, como faz quando costura o elástico. Deve ser usada para economizar lavagens.

Se as crianças a deixam com os nervos em frangalhos enquanto você fica zozna com as costuras necessárias, você não é diferente de milhares de outras que acabam comprando suas roupas já prontas. Para manter sua própria individualidade tão preciosa, pare de querer mantê-los quietos e sem brigar, e entregue a cada um deles, um botão para costurar também, algum rasgão interessante, ou que comecem algum bordadinho simples. Uma garotinha de quatro anos não é tão jovem para que aprecie a costura, com interesse e supervisão!



A função dos conselheiros

David H. Yarn Jr.

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias há muitas funções e chamados. Algumas são funções gerais, tendo jurisdição sobre alguns ou todos os aspectos da Igreja e outras são locais, tendo jurisdição sobre aspectos parciais ou totais de determinada área geográfica da Igreja.

Entre ambas, as gerais e locais, há dois tipos de trabalho, alguns são do sacerdócio e outros são auxiliares.

Em ambos os níveis, nas funções do sacerdócio e nas auxiliares, na grande maioria as organizações são dirigidas por uma presidência (ou seus representantes), que consiste de três pessoas.

Quando a presidência de um quorum vai ser organizada, seja a presidência da Igreja, a presidência de uma estaca, um bispado, a presidência de um quorum ou trabalho para alguma organização auxiliar, é o presidente (ou bispo ou superintendente) escolhido e indicado pelo corpo autorizado. Ao presidente (bispo ou superintendente) é dada a prerrogativa de escolher seus conselheiros ou assistentes, com a aprovação do corpo autorizado.

O presidente é a chave da autoridade dos centros de jurisdição particular. Ele é o responsável pelo serviço particular. Por isso, os conselheiros são conselheiros do presidente. Para ilustrar esse ponto, mencionamos a declaração do Profeta Joseph Smith quanto à relação dos Doze da Primeira Presidência. Ele disse:

“Os Doze não são subordinados a ninguém, a não ser à Primeira Presidência, a saber, eu mesmo... Sidney Ridgon, e Frederick G. Willians, os quais são agora meus conselheiros; e onde eu não estiver, não haverá Primeira Presidência sobre os Doze.” Dessa forma o Profeta especificou a relação dos Doze da Primeira Presidência e falou genericamente com respeito à natureza das presidências. De fato, disse ele, onde não estiver o presidente não estará a presidência, ou, onde não estiver o bispo não estará o bispado etc. Os conselheiros recebem a autoridade e responsabilidade por serem os conselheiros do presidente e sua autoridade e responsabilidade cessam quando o presidente é desobrigado.

Entretanto, tornar-se conselheiro do presidente não significa que os conselheiros não tenham responsabilidades específicas. O presidente após examinar todas as responsabilidades de sua jurisdição e as habilidades, aptidões, experiência e qualificações de seus conselheiros, delegar-lhes-á certas responsabilidades. É imperativo que os conselheiros como também o presidente aprendam os seus

deveres e os executem o mais fielmente possível. Conselheiros com deveres já específicos não absolvem o presidente, é claro, de ultimar-lhes as responsabilidades, mas, na medida que os assentamentos definitivos vão sendo feitos aos seus conselheiros, os presidentes não deverão embaraçá-los, mas honrá-los, trabalhando com eles no cumprimento do seu dever.

Em todo o seu trabalho, entretanto, os conselheiros não deverão esquecer o fato de que foram chamados para auxiliar e assistir o presidente. Deverão dar sua opinião em todos os assuntos relativos ao seu trabalho. Deverão aconselhar franca e diretamente. Não são chamados meramente para sacudir sua cabeça em afirmativas, mas para dar completa assistência ao trabalho sob o seu cuidado. Não deverá haver motivos privados nas decisões adotadas, mas tudo deverá ser feito com os olhos voltados ao trabalho para o Reino de Deus.

Na medida em que o presidente se integrar e dirigir os trabalhos, depois que os assuntos tiverem sido considerados é sua prerrogativa e obrigação tomar as decisões. Similarmente os conselheiros são obrigados a acatar e apoiar as decisões do presidente. Após as decisões houverem sido tomadas, serão decisões da presidência e deverá haver completa unidade de sentimentos e ações nos assuntos, independente dos pontos de vista anteriormente expressos. Em outras palavras, os conselheiros devem completa lealdade ao presidente. Para ilustrar o acima exposto, assim disse o Presidente Joseph F. Smith em certa ocasião:

“Um bispo é o presidente em sua ala e onde o bispo estiver, seus conselheiros e aqueles que são membros do seu ramo estão sujeitos à sua autoridade. Ele não pode renunciar a ela. Não pode dá-la a nenhum outro. E, se ele o faz, viola um dos sagrados princípios do governo do sacerdócio. Ele deve dirigir seus conselheiros, o primeiro e o segundo, a fazer sua vontade, a executar os seus desejos ou ordens. Assim fazendo, o conselheiro não aja de acôrdo com o bispo e sim sob a direção da autoridade maior. Não aja independente, mas subordinadamente ao presidente do ramo e é sujeito à inteira direção do mesmo... Podem comissionar e designar, isto é, aqueles que presidem podem pedir ajuda e assistência, podem dirigir no cumprimento de deveres, mas em qualquer circunstância que o façam, isto é, pelo, com e sob o consentimento da autoridade e pelo seu conselho, mas nunca independentemente...”

(cont. na pág. 8)

A mulher pioneira, na concepção popular, tem o cabelo longo e luxuriante — sua corôa gloriosa. As pesquisas indicam que havia cabelos longos e curtos na comunidade feminina pioneira. Susa Young Gates, filha de Brigham Young e valorosa historiadora, escrevendo sobre a propriedade da esquina da rua South Temple e State, em Salt Lake, falou da barbearia de John Squires: “As senhoras não desdenham entrar pela larga porta de madeira, pintada de verde e têm seus cabelos lavados ou cortados na moda que fêz com que tôdas usassem cabelos curtos e ondulados — menos as amadurecidas mulheres pioneiras.” (The Improvement Era 20:1101; outubro de 1917.)

— Luísa, poderia vir enxaguar meu cabelo, por favor? chamou Jane, enquanto ensaboava o espêsso cabelo castanho com sabão caseiro. Luísa tirou a caneca do grande caldeirão de ferro pendurado acima dos troncos acesos, pôs o dedo dentro para medir a temperatura e derramou o conteúdo sobre o cabelo cheio de espuma de Jane.

— Porque você não corta êsse esfregão de assoalho?, perguntou. Quer ser diferente das outras moças da cidade?

— Se eu fôsse bonita e tivesse cabelos encaracolados como você, talvez o fizesse, respondeu.

— No que o cabelo encaracolado a modificaria? Tôdas as moças usam lenço. Você não é a única com cabelos lisos.

— Mas não posso mudar de idéia, Luísa.

— Talvez fôsse melhor fazê-lo logo, pois assim não parece jovem. Nenhum rapaz vai querer dar-lhe uma segunda olhada, se você andar por aí como um monstro. Espero ter um namorado antes de completar dezesseis anos.

— Bem, você tem dois anos para se preparar, respondeu Jane, esfregando vigorosamente a cabeça com a áspera toalha e enxugando as lágrimas furtivamente, na esperança de que Luísa não as tivesse notado.

— Jane, chamou a mãe, da entrada da casinhola, o ferro está quente e se queremos parecer apresentáveis amanhã, quando Presidente Young chegar, é melhor passar estas roupas.

A mãe ternamente tocou seu cabelo, conforme entrava na casa.

— Que lindo cabelo tem você, filha.

Jane nada disse por causa das lágrimas que estava a ponto de derramar. Colocou uma prancha de madeira entre duas cadeiras e começou o trabalho de passar, que era de sua responsabilidade como filha mais velha de uma família de nove. Seus pensamentos turbilhonavam.

— Detesto ser diferente. Sempre sou língua-amarada na frente dos rapazes. Se ao menos fôsse bonita como Luísa, não teria importância. Porque não corto meu cabelo como as outras moças? Afinal, mamãe é a única a pensar que êle é bonito.

A PROMESSA

Verda P. Bollsweiler



O Dia do Senhor amanheceu claro e bonito. O pai engatou os cavalos no carroção e ajudou mamãe e o bebê Jaime a subirem para o assento. Os oito restantes se postaram na parte trazeira. Haviã sido esfregados com escova e sabão e estavam reluzentes na sua roupa remendada e usada, mas à sua volta havia uma inconfundível aura de cheiro de sabão.

O coração de Jane batia tão forte que ela mal conseguia respirar. Pensar que hoje poderia ver Brigham Young, Presidente Young, que era o profeta de Deus.

A família seguiu em direção da pequena igreja de troncos de madeira, ocupando inteiramente os bancos da segunda fila. Lá no púlpito, demonstrando mesmo ser um profeta, sentava-se Brigham Young.

Depois do Sacramento, Presidente Young levantou-se para falar. A congregação permaneceu como se estivesse sob algum encantamento; a força e magestade de suas palavras os arrebatava. Mesmo Jane esqueceu que era diferente, esqueceu das outras moças com seus cabelos ondulados e nem se lembrou de sua detestada trança.

Bem depressa a reunião terminou, sendo que a congregação encaminhou-se para apertar a mão do Presidente Young. Logo que Jane tímidamente tocou sua mão e disse seu nome, o grande homem sorriu para ela.

— Que lindo cabelo você tem, Jane. Mas o que aconteceu que não o cortou como as outras moças?

Jane enrubesceu e ficou confusa.

— Minha mãe não quer, replicou.

Então, com tôda a congregação a observar, Presidente Young colocou a mão sôbre sua cabeça e disse:

— Jane, por você amar sua mãe e por honrá-la, nem você nem sua descendência jamais necessitarão de pão.

Quando saíram da pequena capela para o sol brilhante, o pai colocou seus braços em volta dos trêmulos ombros de Jane.

— Filha, talvez você jamais deixe ouro ou prata para seus filhos, mas vai deixar-lhes algo muito mais precioso — a sagrada promessa de um profeta de Deus!

Um lar onde morar

por Christie Lund Coles

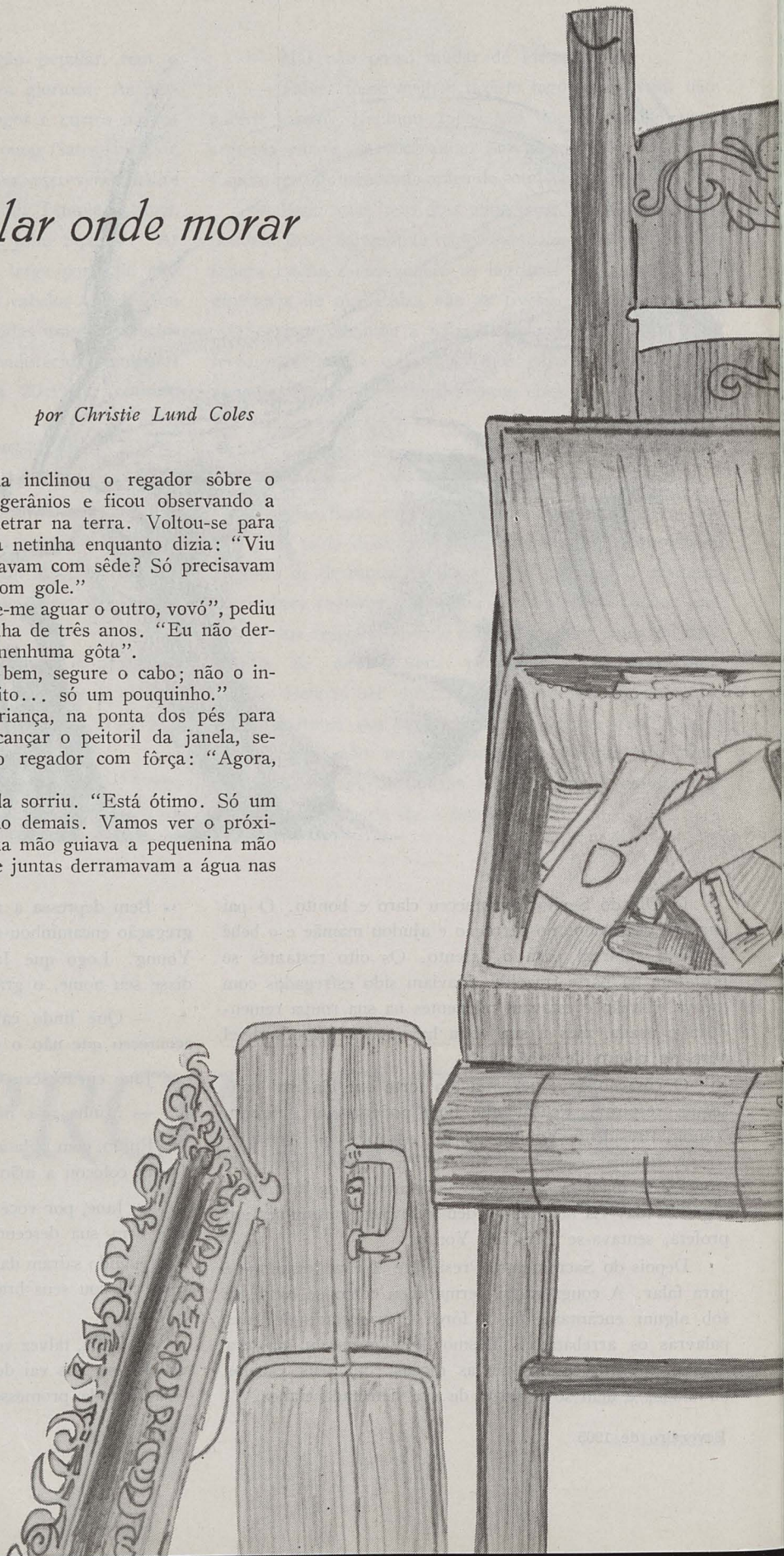
Melinda inclinou o regador sôbre o vaso de gerânios e ficou observando a água penetrar na terra. Voltou-se para olhar sua netinha enquanto dizia: "Viu como estavam com sede? Só precisavam de um bom gole."

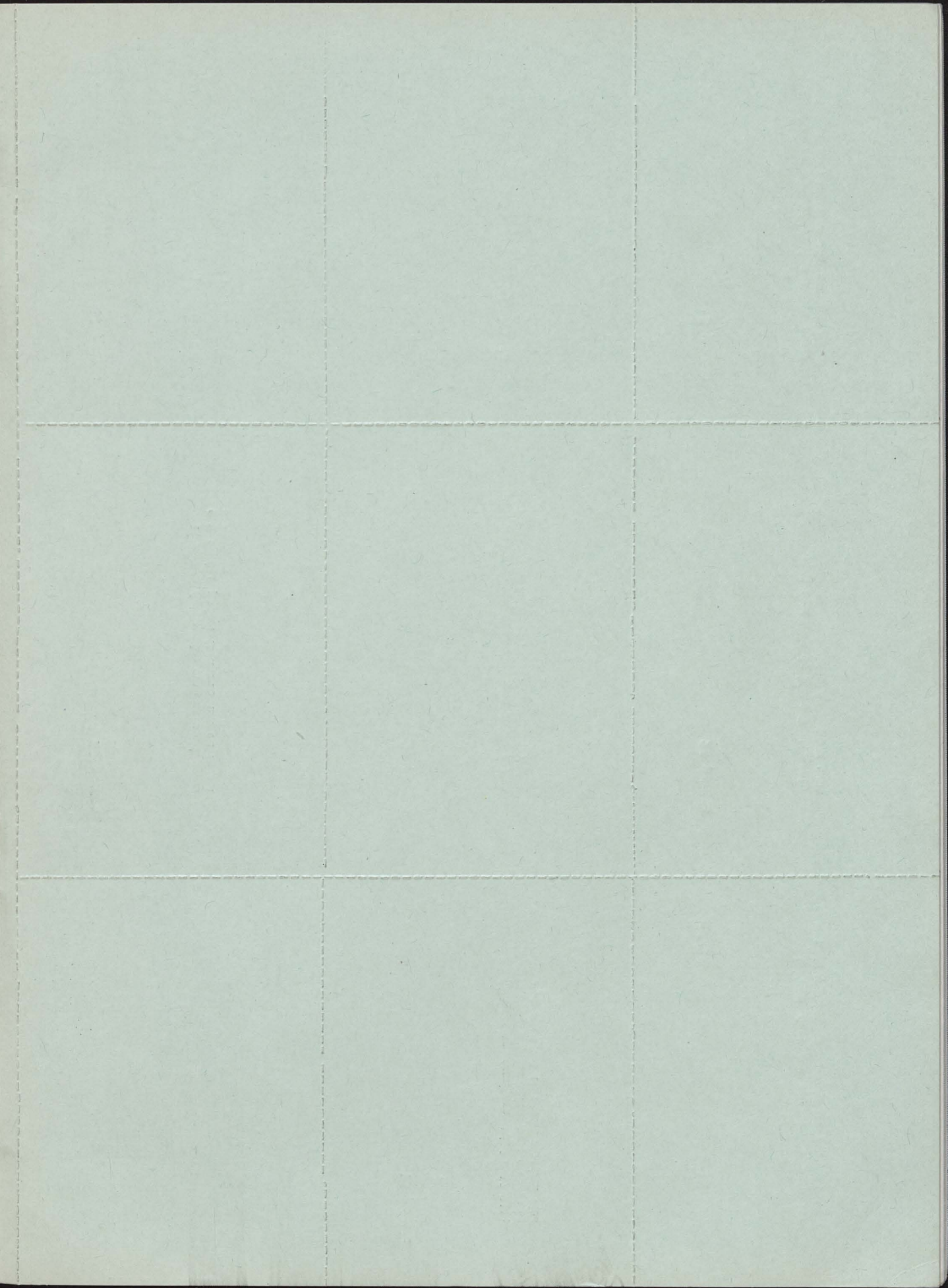
"Deixe-me aguardar o outro, vovó", pediu a garotinha de três anos. "Eu não derramarei nenhuma gota".

"Está bem, segure o cabo; não o incline muito... só um pouquinho."

E a criança, na ponta dos pés para poder alcançar o peitoril da janela, segurava o regador com força: "Agora, vovó?"

Melinda sorriu. "Está ótimo. Só um pouquinho demais. Vamos ver o próximo". Sua mão guiava a pequenina mão da neta e juntas derramavam a água nas





n.º 20

15 pontos

Cite três coisas necessárias para que um homem seja exaltado.

n.º 23

25 pontos

Mencione dois modos em que um homem e a esposa podem tornar-se um ou serem unidos.

n.º 26

10 pontos

Qual a função principal de um patriarca?

n.º 19

5 pontos

Qual é a primeira responsabilidade de um homem nesta vida?

n.º 22

15 pontos

Que ordenou o Senhor que Adão e Eva fizessem quando os criou?

n.º 25

15 pontos

Explique esta escritura (João 17:21):
"A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, e eu em ti, também sejam eles em nós.

n.º 18

5 pontos

Com quem passará você a maior parte do tempo no futuro se fôr exaltado?

n.º 21

25 pontos

Cite uma escritura do Novo Testamento que indique o pensamento do Senhor concernente ao casamento.

n.º 24

10 pontos

O que deve ser encontrado num lar para que haja felicidade real?

n.º 27

25 pontos

Cite, das Escrituras, um exemplo de um profeta aconselhando os filhos, e agindo como patriarca de sua família.

n.º 30

15 pontos

Qual é a chave da ordem patriarcal no lar?

n.º 33

10 pontos

Qual deve ser a atitude do pai diante dos filhos?

n.º 28

5 pontos

Quem foi o primeiro patriarca?

n.º 31

5 pontos

Só a esposa é a responsável pela educação dos filhos?

n.º 34

10 pontos

Como deve ser usado o direito de abençoar?

n.º 29

10 pontos

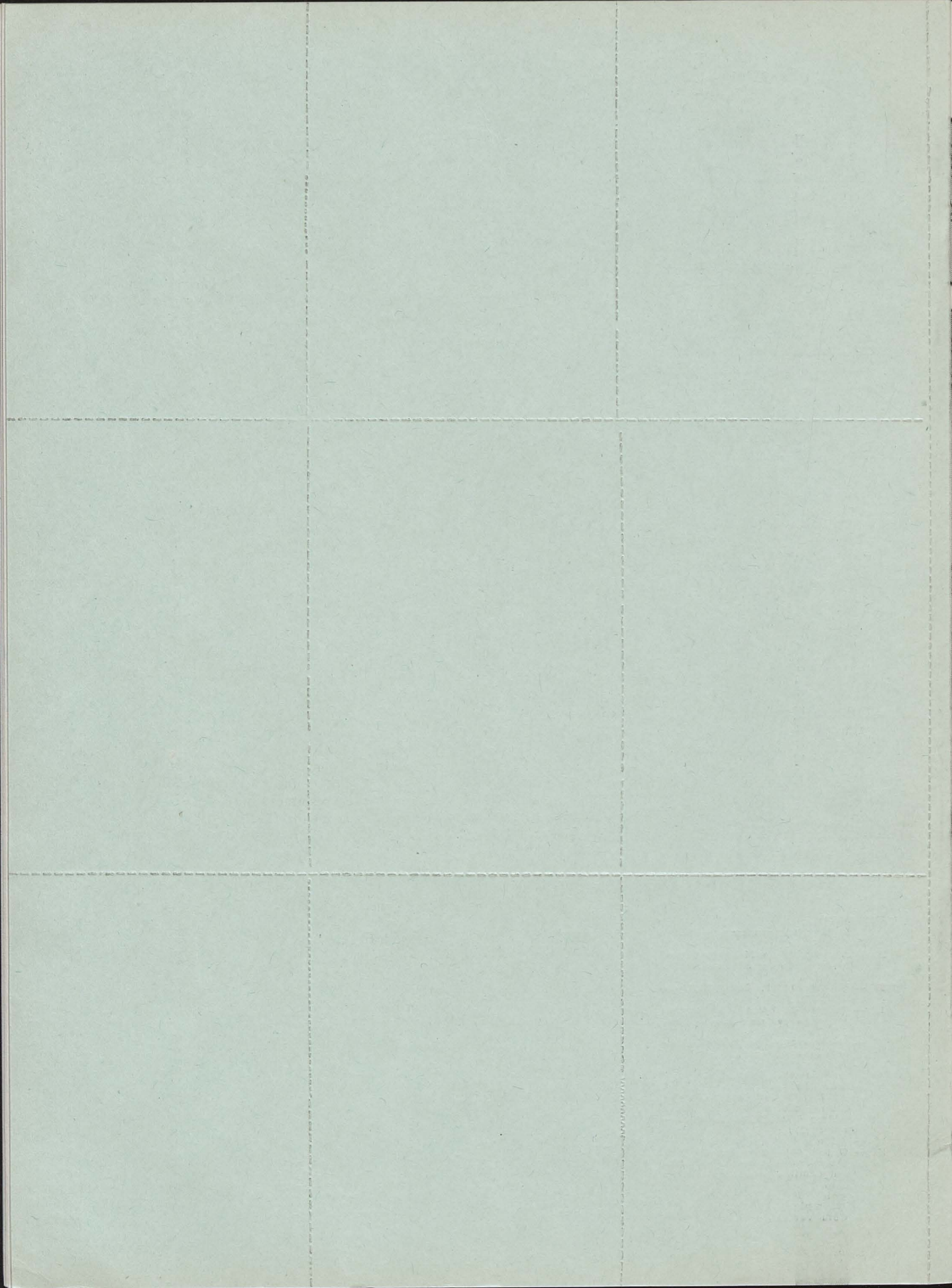
Quem pode tornar-se patriarca?

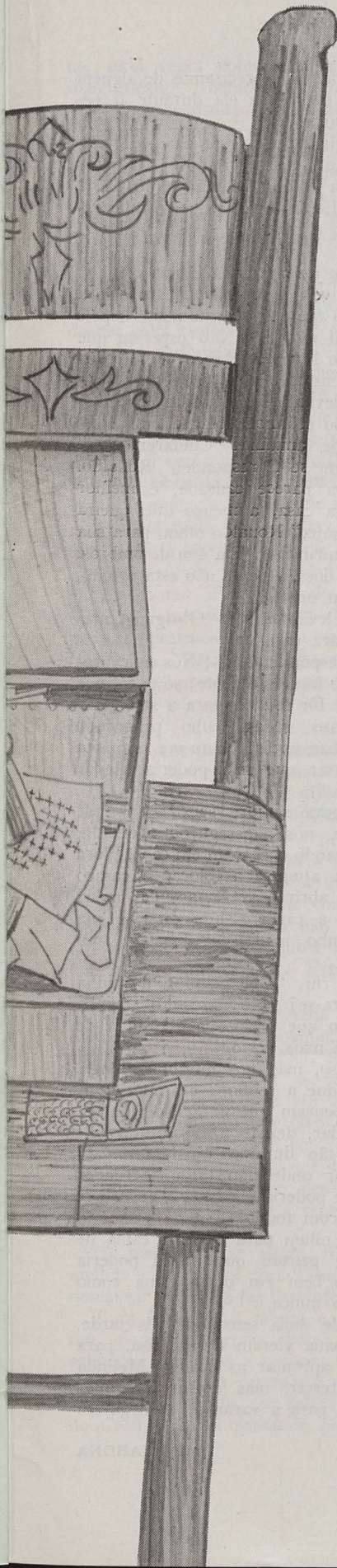
n.º 32

5 pontos

Que significa o termo "patriarca?"

Respostas
18 — Com o(a) consorte
19 — Sua família
20 — Sacerdócio de Melquizedeque, Casamento e Selamento no Templo.
21 — I Cor. 11:11; Heb. 13:4 ou Mat. 23:2
22 — "Multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a. Cen. 1:28
23 — Fisicamente, e psicologicamente e em propósito
24 — Amor
25 — Unidos em propósito
26 — Dar bênçãos
27 — Lehi (II Nefi 4:3); Benjamim (Mosiah 1:2); Alma (Alma 36:16) Isaaque (Gênesis 27:28)
28 — Adão
29 — O pai com sacerdócio
30 — Aceitar a responsabilidade da família e abençoá-la
31 — Não
32 — Pai
33 — Exemplar
34 — Com retidão





flôres. Quando chegaram à terceira, contudo, a criança, Sandra, protestou: “não, eu posso fazer sòzinha. Deixe-me.”

Melinda respondeu: “Claro que você pode, meu bem. Vou puxar um pouquinho a flôr para que você possa alcançá-la. Que tal?”

“Ótimo, Vovó. Quem é que fez as flôres?”

“Eu já lhe disse, curiosinha. Primeiro a semente, depois o sol e depois a água.”

“E a terra também, não é?”

“Sim, é claro que precisamos da terra; um lugar para as raízes se desenvolverem e se protegerem. Da mesma forma que você precisa de um lar.”

“A senhora precisa de um lar, vovó? Êste aqui é o seu lar?”

A boa senhora meneou sua cabeça grisalha e olhou por cima dos óculos. A criança sabia que certamente havia ouvido os pais e tios falarem a respeito dela desistir da casa para morar com um dos filhos.

“Sim, meu amor. Tem sido o lar de sua vovó por muitos anos. Cinqüenta. Quando sua mãe era criança, costumava vir aqui ajudar-me a aguar as plantas. E sua avó cresceu aqui com seus irmãos e irmãs.”

“Eu não tenho nem irmão nem irmã.”

“Não, meu anjo, mas breve terá.”

“Uma irmã?”

“Uma, não sei.” Estendeu os braços e envolveu o corpinho da netinha com amor. É estranho, mas os braços de uma mãe nunca perdem a necessidade de envolver uma criança e acariciá-la.

“Gosto muito de você”, murmurou, “pois você sempre me ajuda a aguar as plantas. Vamos comer alguns biscoitos e tomar leite?”

“Hummm”, Sandra concordou, libertando-se dos braços que a envolviam.

“Você quer leite no copo azul ou no vermelho?”

“Quero no azul”, disse a vizinha rapidamente. Melinda levantou o copo, que era um dos melhores que possuía, depois pegou o vermelho para si, encheu-os de leite, colocou-os na mesa onde Sandra já se instalara, servindo-se dos biscoitos, e ambas prosseguiram sua “festa”.

Sons de vozes vieram do portão; bateram de leve na porta e depois sua filha Flora e sua neta Cecília caminhavam em direção a elas. Flora entrou dizendo: “Puxa, como está fresquinho aqui. Vocês têm sorte em estar aqui dentro. Lá fora está um forno.”

Cecília concordou, entrando na cozinha, em direção a sua filhinha. “Foi boazinha com a vovó? Não a cansou demais?”

“Claro que não”, disse Melinda, enquanto a garotinha dizia: “Estamos fazendo uma festa. Não quero ir para casa. Não quero”.

“Mas temos que preparar o jantar de papai, não é vovó?” Cecília dirigiu-se à avó pelo nome que a distinguiu como pessoa mais velha. “Sim”, concordou a senhora grisalha. “Mas acho melhor que ela termine sua festa primeiro. Depois mostrar-lhe-ei o que vovó comprou para ela.”

“Otei”, disse a garôta, sorrindo para a vovó e servindo-se de outro biscoito.

Flora riu. “Ela não é adorável, mamãe?”

Melinda concordou: “Claro que é. É minha neta. Todos são assim.” Disse esta última frase para não mostrar favoritismos pelas crianças de seus dois filhos e da outra filha. Mas desde que Flora era a mais nova e Cecília uma criança que sempre fôra muito apegada a ela, era difícil não sentir um pouquinho de preferência pela netinha.

Melinda levantou-se e Sandra estendeu-lhe os braços. “Ajude-me a descer, vovó”.

“Você já é bem crescidinha para descer sòzinha. Vovó a ajudará com a mão, está bom assim?”

“Otei”, disse a criança. Mas, ao levantar-se, seu braço tocou o copo, que começou a inclinar. Sua mãe pegou-o em tempo de não cair. Flora respirou devagar e disse: “Porque a senhora insiste em dar-lhe leite nestes copos especiais? Qualquer dia destes ela vai quebrar um deles... sem querer, é claro.”

“Nada aconteceu, Flora. E enquanto viver, quero fazer as coisas a meu modo”. Suas faces tornaram-se pálidas e a respiração insegura. Levou as mãos ao peito.

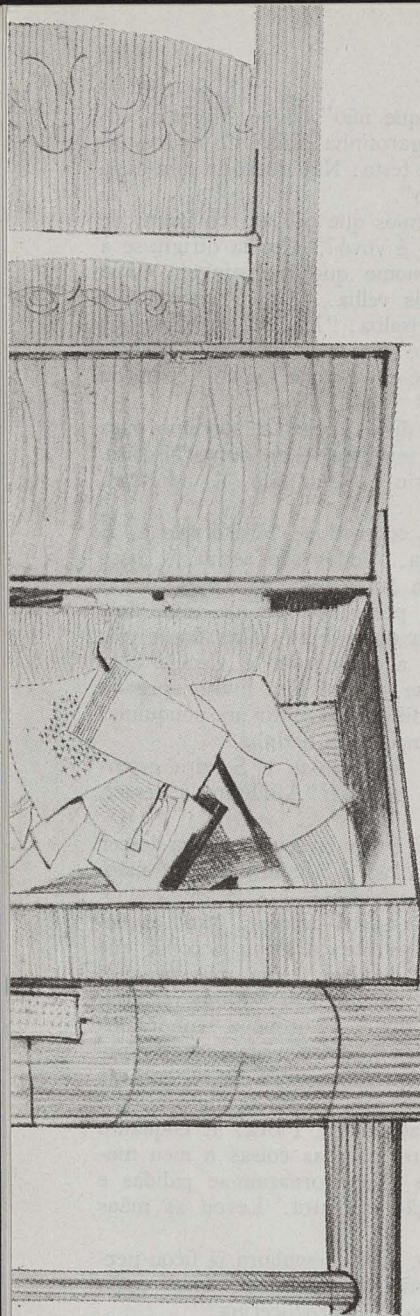
“Pronto, agora a senhora já ficou nervosa. Eu não quis dizer isso. Onde estão suas pílulas de nitroglicerina?”

Sua mãe dirigiu-se ao quarto, enquanto Flora disse à Cecília: “Vá buscá-las depressa; sente-se aqui, mamãe. Vou buscar-lhe água.”

“Que aconteceu, vovó?” perguntou Sandra.

E de repente, a senhora que tão depressa mostrou seus oitenta anos, voltou a ser jovial: “Nada, murmurou, sentando-se na cadeira oferecida pela filha. Cecília voltou com um vidrinho e Flora deu uma pílula à sua mãe. Logo as côres voltaram à suas faces e sua respiração normalizou-se.

“Foi uma tolice”, disse, “mas não foi por causa dos copos. É que eu fico pen-



sando tôda hora que um dia terei que deixar esta casa. Não creio que seja necessário. O médico disse que não é mesmo angina.”

Flora sentou-se em frente de sua mãe e disse: “Ouça, mamãe, a senhora não pode mais ficar sòzinha e tomar conta desta enorme casa. As dores têm vindo com mais freqüência. Acho que teremos que nos reunir e ver qual será o melhor lugar para a senhora.”

“Tenho algum dinheiro. Quanto às dores, não são tão ruins...”

“Por favor, pense sôbre isso e mais tarde falaremos.”

Melinda meneou a cabeça, querendo mesmo mudar de assunto. Enquanto Flora dizia à sua filha que já estava pronta para sair, Cecília disse: “Honestamente, vovó, se eu e Roberto tivéssemos uma casa maior, não se discutiria onde a senhora iria morar.”

Melinda sorriu para sua neta de vinte e três anos tão bonita e tão gentil.

“Se você tivesse uma casa, eu a ocuparia quase tôda para mim...”

Flora virou a cabeça, exasperada: “A senhora não quer decidir-se a vir morar com seus filhos.”

Melinda sorriu: “Não gosto de ficar no meio de gente velha.” Todos riram. Mas para si mesma, pensou: Não posso decidir-me. Sabia que não era porque os filhos não a quisessem. E claro que não. Quando ouviu-os conversar na casa de Donald, pouco antes, entendeu seus problemas. Ronaldo disse: “Tenho mêdo que as crianças a incomodem demais e que ela não tenha sossêgo.”

Elena disse: “Gostaria imensamente de tê-la conosco, mas o único quarto que tenho é em cima e tenho mêdo que ela se prejudique ao subir as escadas. A senhora sabe disso, não é, mamãe?”

Melinda, que fingia não estar interessada, perguntou: “O quê?”

“Eu disse que seria ótimo a senhora morar conosco, porque nos daríamos muito bem.”

“Temos vivido em harmonia durante mais de vinte e dois anos”, sua mãe respondeu. “Mas você tem um marido. E eu não sou mãe dêle, e sou bem velha, com minhas idéias antigas.”

Elena, que pertencia a muitos clubes e cuja vida social ocupava-lhe mais da metade do tempo, falou: “É claro, querida. A senhora seria muito bem vinda se tivéssemos um quarto embaixo.”

A conversa continuou até que Flora disse-lhe: “Parece que a única que pode ficar com ela sou eu. É claro que os outros poderão visitá-la. Ela se sentirá

à vontade lá. Mas precisamos de alguém que possa ficar com ela durante o período da noite.”

“Acho que vocês deveriam pedir minha oponião”, disse a mãe.

“Bem, a senhora não concorda?”, perguntou Elena. “A senhora compreende que não é mais tão jovem, adorável teimosa.”

“Não sou jovem, mas também não sou teimosa. Tive que ser bastante forte para criar minha família, especialmente depois que seu pai morreu. Não esperem que eu mude de repente. Ainda tenho meus próprios pensamentos e não posso simplesmente levantar-se e deixar a casa.”

“Oh! não estamos pedindo que a senhora mude amanhã. Cuidaremos de tudo, acalme-se”, respondeu Ronaldo. “A senhora parece cansada, é melhor levá-la para casa, a menos que queira ficar aqui hoje.” Ronaldo olhou para sua espôsa, inquirindo-a. Ela deu de ombros. “O quarto dos hóspedes não está pronto, mas eu dou um jeito.”

Melinda levantou-se. “Obrigada, mas quero ir para casa.”

“Flora respondeu-lhe: “Nós a levaremos. E não fique tão triste; só queremos fazer o que fôr melhor para a senhora.”

“Sei disso. Mas tenho procurado não perturbar vocês. Sinto-me esquisita só de pensar que não poderia ajudar ninguém...”

“A senhora sempre será de grande ajuda para nós”, assegurou Ronaldo, ao sair. Quando chegaram em casa, Flora enquanto a ajudava a colocar o casaco ajudou-a a abrir a porta, acender a luz e preparar a cama. Flora disse à sua mãe: “Tenho mêdo de deixá-la aqui sòzinha.”

Melinda riu. “Bobagem. É a minha casa, lembra-se? Não me sinto sòzinha aqui. Tudo que preciso é que uma de vocês more mais perto.”

“Sei disso, mas nós moramos longe. É melhor que a senhora se mude.”

E' eles pensam que é fácil. Simplesmente mudar, deixar a casa, tudo que conseguiu tão duramente; mudar para outro lugar onde não teria liberdade! Mas o que poderia ela fazer? Teria que concordar com todos!

Melinda olhou para a velha cama de nogueira e pensou que nunca poderia dormir tão bem em outra cama como nesta. Isso nunca.

Menos de duas semanas mais tarde, Flora e Joana vieram à sua casa, para ajudá-la a aprontar as coisas. Melinda tentou protestar, mas ambas as filhas levaram-na para a varanda, e chegaram

até uma caixa comum a "coisinha insignificante", como dizia Flora.

Melinda pensou: "insignificante"! Como ousa chamar insignificante as suas recordações mais caras? As pétalas de rosas de seu buquê de noiva, que conservava consigo há tantos anos!; os retratos da família, um livro de poemas, coisas que nunca se atrevia a jogar fora?

Melinda fechou a caixa de suas recordações e entrou em casa. Olhando em volta, notou a falta de algumas de suas antiguidades; seus móveis, seus quadros. Só de pensar que a casa ficaria vazia sem suas coisas, sentiu um frêmito no corpo. Ficou quieta por um momento, para recuperar a calma; foi então que viu Cecília sentada em cima da mesa, com um caderno de anotações e um lápis na mão. Andou até onde a neta estava.

"Que está fazendo você, tão séria?"

Cecília sorriu. "Oh, nada! Só algumas contas. Estava vendo se era possível economizar algum dinheiro para comprarmos uma casa, meu marido e eu. Veja que engraçado. A senhora se preocupa em perder sua casa, nós nos preocupamos em ganhar uma."

Quase sem pensar, Melinda falou: "Gostaria de ficar com esta?"

"Puxa, vovó, não quis dizer isso."

"Sei que não quis, minha filha. Mas você gostaria?"

"Bem, eu adoraria, mas a senhora sabe que nunca teríamos o dinheiro. Além disso, preciso falar com Bill. Gostaria que a senhora não tivesse que mudar. Mas acho que a senhora fica muito sòzinha aqui. Precisa de alguém perto."

Sua avó sussurrou: "Acho que há coisas piores que ficar sòzinha."

Melinda foi até a cozinha. Enquanto pensava, seus olhos se voltaram para a lata de lixo, e viu a velha placa de brocado onde estava escrito: "Abençoado seja êste lar". Ficou nervosa e quis ir mais do que depressa até onde Flora se achava; pensou melhor e achou que deveria esperar até que se acalmasse.

"É melhor parar agora, filha. É melhor você ir para casa. Gostaria de descansar. Você já fez bastante hoje."

Flora levantou a cabeça e hesitou um momento, depois disse: "Sim, acho que é melhor a senhora descansar agora. Nós a veremos amanhã."

Sua mãe assentiu, sem falar. Quando Cecília estava passando perto da

avó, Melinda disse: "Na próxima vez, traga Sandra. Não é justo deixá-la em casa sòzinha."

Enquanto as filhas saíam, Melinda pensou: "Como vão ficar surpresas amanhã quando disser-lhes que não vou deixar a casa."

Na manhã seguinte, o telefone tocou. Era Flora: "Sinto muito mamãe, mas tenho que ir ao clube hoje, e amanhã devo ir a um encontro com Elena. Mas acho que não há pressa, não é?"

Melinda hesitou, mas disse: "Não, filha, não há pressa. Eu não vou mesmo mudar daqui."

"Mas mamãe, pensei que já havíamos decidido. Mas está bem, vamos conversar amanhã." Parecia que havia uma nota de desapontamento em sua voz. Melinda sabia que a única coisa que ela queria fazer era ajudar. Mas sabia também que não era nada fácil.

Uma hora mais tarde, Cecília veio com Sandra: "Vovó, sou eu, Sandra", como se fôsse a pessoa mais importante dêste mundo. E realmente era.

"Entrem, entrem, estava justamente fazendo alguns doces. Você quer ajudar-me, queridinha?"

"Otei", concordou a criança.

Depois que os doces estavam prontos, sentadas à mesa para saboreá-los, Cecília começou a dizer: "Quanto à casa, vovó, Ronaldo achou que é mesmo impossível, agora..."

"Além disso", Melinda interrompeu, "acho que vocês precisam de uma casa mais nova, em vez de uma velha casa cheia de recordações dos outros. Tenho uma idéia melhor."

"É mesmo?"

"Sim, eu não vou mesmo mudar..."

"Mas vovó, a senhora precisa de alguém perto."

"Perto, sim, mas não na mesma casa."

"Mas nenhum de nós mora bastante perto para uma emergência."

"Por enquanto não."

Cecília riu: "Mas é justamente isso que estamos falando."

"Sim, decidi dar a você e Ronaldo um pedaço dêste terreno, para construírem sua própria casa."

"Mas vovó, e os outros?"

"Ora, já têm suas casas. E acho que ainda posso fazer o que me agrada. Dessa maneira, terei alguém perto para ajudar-me, se necessário."

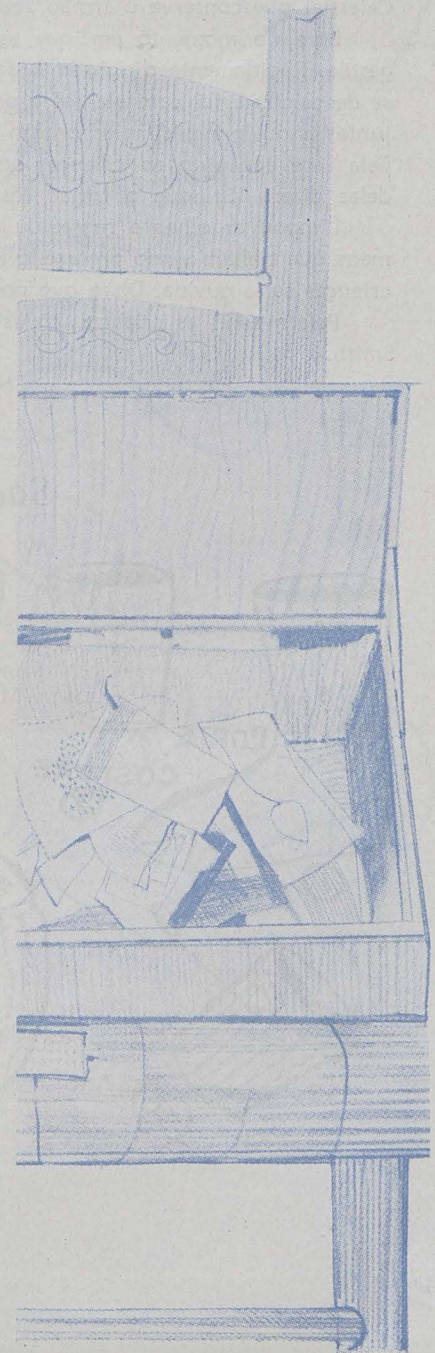
"Oh, seria maravilhoso. Sempre gostei dêste local, por causa das plan-

tas, das colinas ao redor do terreno."

"Bem, acho que seria maravilhoso para mim também, pois não há nada pior do que a solidão. Sei como é duro querer ir para casa e não ter um lar onde ir. É por isso que quero um lar, também, assim como você terá agora, um lugar para cultivar memórias."

"Acho que a senhora tem razão, vovó. Fique em casa, mesmo. E muito obrigada. Muito obrigada mesmo."

Sandra estendeu os braços para a avó e depois que esta a segurou nos braços, disse: "Sim, vovó, a senhora fica em casa. Com Sandra."



Meu cantinho

A oração das crianças

Aquela tarde havia sido repleta de risos e brincadeiras até que o Irmão Joseph se apressou para casa e contou a papai que alguns homens perversos estavam tentando encontrá-lo e feri-lo. Logo depois, alguns dos amigos de papai também chegaram à porta e as crianças ouviram o papai dizer à mamãe que ficariam de guarda a noite inteira. Depois disso, até mesmo suas brincadeiras preferidas não pareciam mais divertidas. Nesse instante, as crianças estavam realizando uma reunião no dormitório de mamãe com diversos companheiros para decidir o que poderiam fazer para ajudar.

As crianças amavam o Irmão Joseph. Este tinha sempre um sorriso para dar-lhes e várias vezes parava para conversar enquanto passava pelas ruas de Kirtland, Ohio. Queriam tanto ajudá-lo embora o mais velho tivesse apenas dez anos e o mais novo quatro.

"Já sei o que podemos fazer", disse a meninazinha de sete anos. "Podemos orar e pedir a nosso Pai Celestial que conserve o Irmão Joseph a salvo de qualquer mal."

Bem no momento em que estava dizendo isto, mamãe passava pela porta entreaberta e ouviu a sugestão. Ràpidamente dirigiu-se à sala onde os homens conversavam. Murmurou algo ao Irmão Joseph. Ele se desculpou e foi com ela até a porta do dormitório. Chegou apenas a tempo de ver as crianças se ajoelharem juntas e ouvir sua simples oração pedindo por sua segurança. Seus olhos encheram-se de lágrimas e rolaram pela face enquanto as crianças erguiam-se depois de se ajoelharem ao lado da cama e êle pôde ouvir uma delas dizer: "Sei que o Irmão Joseph estará a salvo agora. Os perversos não poderão tocá-lo."

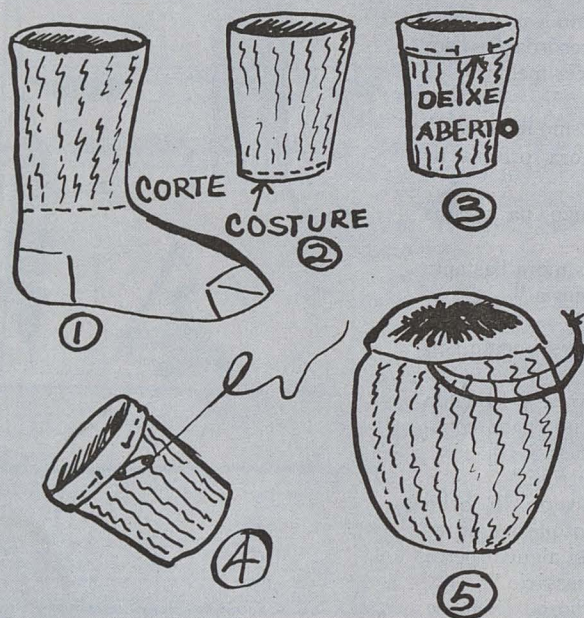
Limpou os olhos e regressou à sala onde estivera aguardando com seu pai e seus amigos. Disse aos homens que tinham vindo protegê-lo durante a noite que podiam regressar a seus lares. Sabia que a oração das crianças seria ouvida. Disse que poderia deitar-se e dormir em paz, sem o mais leve temor de ser molestado.

Pela manhã, as crianças, tôdas contentes, tomaram sua refeição matinal com seu amado Profeta Joseph Smith.

Uma estória verídica relatada

por Lucile C. Reading

Saquinhos para bolas de gude



Material: meia de algodão velha.
um pedaço de barbante grosso.
tesoura.
agulha e linha.
alfinete de segurança.

Corte o cano da meia. O restante poderá ser jogado fora.

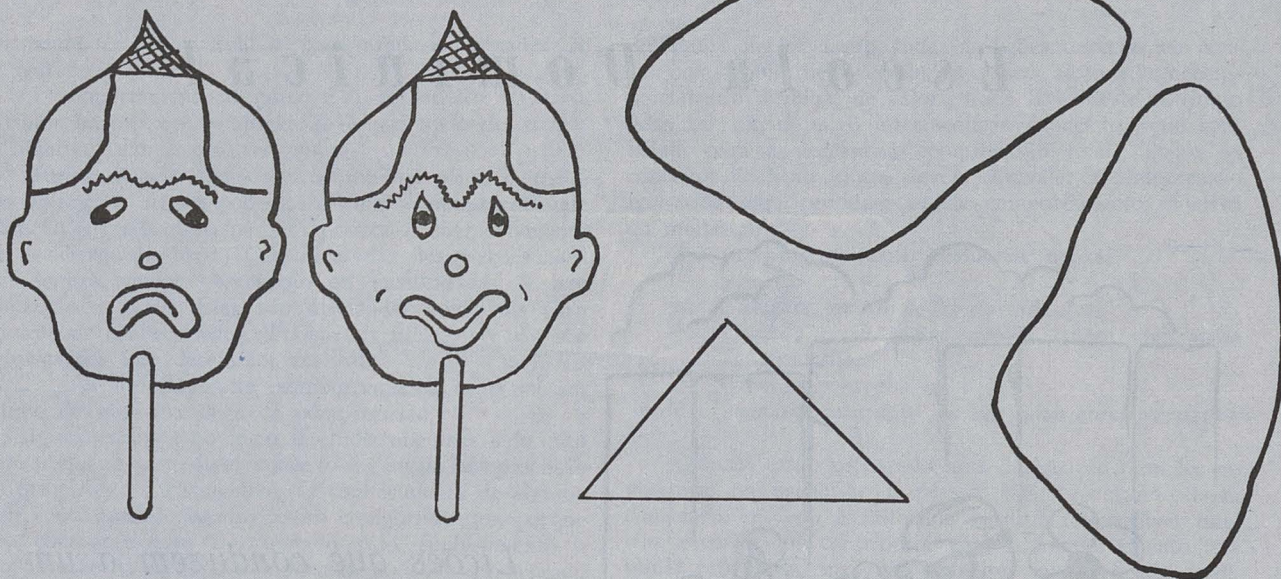
Costure a parte inferior para formar o fundo do saquinho.

Faça uma dobra de mais ou menos dois centímetros de largura na parte superior. Alinhave, deixando uma abertura de mais ou menos um centímetro.

Amarre o barbante ao alfinete de segurança e passe-o em toda a volta da abertura.

Retire o alfinete e amarre as duas pontas do barbante.

Agora você já pode franzir as bordas do saquinho. Êle servirá para guardar várias bolinhas de gude.



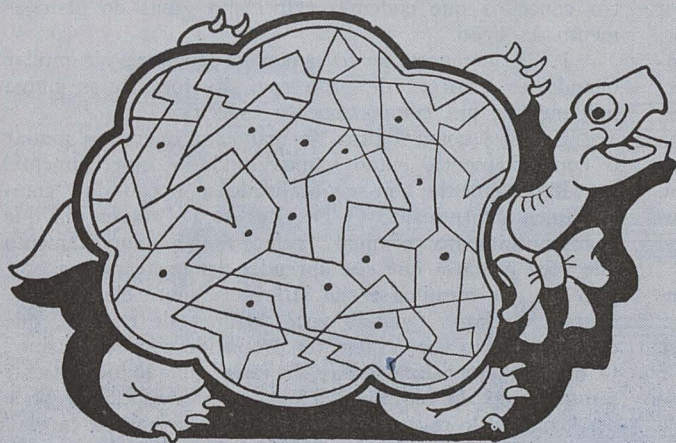
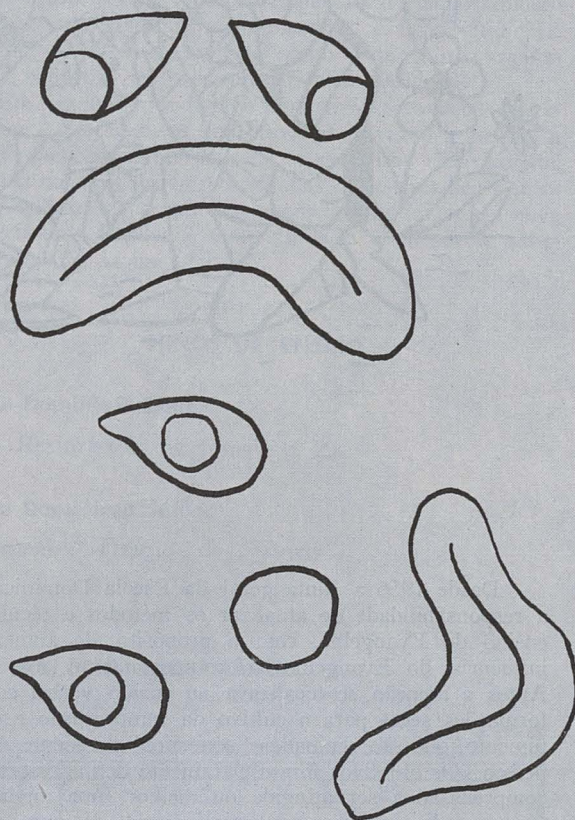
O palhaço ventarola

Katherine Coliss Bartow

Corte 15x12 cm de cartolina branca. (Qualquer caixa de papelão servirá.) Cole o rosto alegre de um lado e o rosto triste de outro. O cabelo é de papel amarelo. Os olhos são de papel preto. O nariz e a boca são de papel vermelho e o chapéu é de papel quadriculado. Complete as marcas das orelhas, boca e sobrancelhas (6,5 cm de comprimento) com tinta ou lápis de cor preto.

Para poder segurá-la, faça um apóio bem reforçado. Pinte duas tiras de papel vermelho ou outra cor bem viva. Cole uma ponta no queixo do palhaço. Deixe secar. Espalhe cola na segunda tira e cole.

Esta ventarola poderá ser usada como prenda de uma brincadeira ou como decoração.



← Sombreie os pontos e veja quem está brincando com a tartaruga.

Escola Dominical



Lições que conduzem a um comportamento superior

Desde 1956 a junta geral da Escola Dominical tem a responsabilidade de atualizar os métodos e técnicas de ensino do Evangelho, com o propósito de aumentar a influência do Evangelho no comportamento dos santos. Antes a atenção se focalizava no ensino verbal com informações secas para o cultivo da compreensão e discernimento, que são chamados "conceitos" na mente de uma pessoa. Os objetivos foram claramente definidos com uma compreensão a ser atingida ou melhor uma mudança a ser operada no comportamento diário de uma pessoa. Aplicações eram extraídas de uma leitura adicional, conversação ou informação memorizada, para o processo atual de uma nova e conceituada maneira de agir.

O esforço de tornar esta abordagem revisada compreensível e trabalhável não foi fácil, mas persistente. A resposta de toda a Igreja é realmente considerável. A mudança envolve a eficácia de muitas idéias técnicas e o progresso feito até agora é uma recompensa do senso da responsabilidade dos professores membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A experiência deverá facilitar a compreensão de nossa tarefa e como efetuar-la. Este artigo tentará explicar quatro conceitos que podem servir como guias do planejamento da lição.

1. O comportamento tem mais tendência de mudar quando os esforços de professor são focalizados numa mudança de um comportamento específico.

Esta é a nossa lógica: Se realmente queremos mudar o comportamento, então vamos mudá-lo objetivamente.

Recentemente tem-se focalizado a noção de "comportamento terminal". O Dr. Robert F. Mager diz que o comportamento terminal "refere-se ao comportamento que você gostaria que seu aprendiz demonstrasse na ocasião em que terminasse sua influência sobre ele." Isto é simples e claro. Quando você termina de ensinar, que comportamento você espera ter produzido com seu ensino? O que será seu aluno capaz de fazer quando demonstrar seu domínio do objetivo? Um exemplo específico pode ser "conduzí-lo reverentemente quando ele está na capela" ou "ler a primeira visão do Profeta Joseph Smith e então

sèriamente pedir ao Senhor para ajudá-lo a saber se foi real.”

O comportamento terminal é o verdadeiro objetivo. O conhecimento ou compreensão é um meio de atingir tal objetivo, não o objetivo em si.

Muitos de nós temos nos confundido sôbre o que é uma aplicação. Agora podemos afirmar simplesmente que aplicação é realizar ou pôr em prática o comportamento que decidimos produzir. Que dizer das designações para mais leitura, maior observação ou curiosidade? É isto “aplicação”? Não. Elas são atividades adicionais para obtenção de conhecimento. Podem ser úteis, mas não são as aplicações que desejamos realizar.

2. As mudanças no comportamento ocorrem em virtude de uma mudança de compreensão.

Agora estamos no meio de tudo que tem sido dito sôbre o ensino para obter conceito ou nítida compreensão dos princípios do Evangelho. O conhecimento de alguma coisa é útil quando conduz a um comportamento, porque todo comportamento é orientado pelo conhecimento e compreensão da vida. O comportamento pode ser mudado pela mudança do conhecimento sôbre o valor de seu objetivo, como ser sadio, ou ter um testemunho do Evangelho ou ser popular. O comportamento também pode ser mudado pela mudança do conhecimento que afeta o progresso da pessoa em direção a um objetivo tal como a utilidade de estudar, orar ou desempenhar obrigação de maneira responsável. Os princípios do Evangelho, em análise final, são conhecimento de objetivos ou atos que afetam as metas da natureza mais importante e espiritual. Eles deverão ser ensinados para o melhor efeito sôbre comportamento.

3. O tempo necessário para produzir uma mudança de comportamento varia com a soma de conhecimento nôvo ou compreensão requerida para produzi-lo.

Uma lição pode ser suficiente se contiver o conhecimento que, por si mesmo, levará uma pessoa a agir diferentemente. Se fôr êste o caso, deverá ter um único objetivo: um objetivo terminal. A lição deverá então conter o conhecimento (conceito) que pode produzir tal comportamento.

Podem ser necessárias diversas lições para desenvolver a compreensão que pode produzir o comportamento

desejado. Se fôr assim, tôdas as lições deverão ser consideradas como meios combinados para alcançar um comportamento terminal de valor. Cada lição dêste conjunto deve ter um objetivo intermediário (conceito) que contribua para a necessária compreensão total. Todos os conceitos da lição juntos devem equivaler à compreensão requerida para produzir aquêle comportamento objetivo ou mudança.

4. O comportamento realmente muda:

- Sòmente em situações da vida real.
- Quando uma pessoa decide tentar uma nova compreensão.
- Quando consegue e
- encontra satisfação em seu novo comportamento.

Quando está executando uma designação para ler ou observar ou pesquisar a pessoa está procurando nova compreensão. Isto é útil se o ajuda a desenvolver uma compreensão que contribuirá para o comportamento terminal procurado, mas não substitui uma aplicação real. Quando uma pessoa tenta desempenhar o comportamento terminal está literalmente “aplicando” a lição ou lições. Sòmente quando alcança êste ponto é que nosso ensinamento se torna verdadeiramente bem sucedido.

Em resumo, decida que comportamento você deseja produzir. Selecione os conceitos que levarão a pessoa a agir daquela maneira. Ensine os conceitos efetivamente, em uma ou mais lições relacionadas. Persuada seu aprendiz a aplicar ou tentar o comportamento que seu nôvo conhecimento implica e tente ajudá-lo a encontrar satisfação ao agir assim.

HINOS DE ENSAIO

Escola Dominical Sênior

“A Ressurreição de Jesus”, p. 29.

Escola Dominical Júnior

“Primeira Oração do Profeta”,

JÓIA SACRAMENTAL

Escola Dominical Sênior

“... Eu sou o caminho, a verdade e a vida...” (João 14:6)

“... escolhei hoje a quem servais... eu e minha casa serviremos ao Senhor.” (Josué 24:15)

Escola Dominical Júnior

Recitação em concôrto

“Confia no Senhor de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento.” “Reconhece-O em todos os caminhos e êle endireitará as tuas veredas.” (Prov. 3:5-6)

PRELÚDIO SACRAMENTAL

Simple Darwin K. Wolford



Genealogia

Importantes perguntas respondidas

1. PORQUE DEVEMOS ENSINAR GENEALOGIA?

A. Por várias razões: foi-nos revelado que deveríamos investigar nossa genealogia tanto quanto pudéssemos, para sermos selados a todos os nossos ancestrais. O Senhor nunca nos manda fazer coisas impossíveis (1 Nefi 3:7). Ele nos proveu com uma enormidade de registros agora acessíveis em livros, manuscritos, filmes e computadores. Todo SUD deveria usar esses recursos disponíveis.

B. Eis aqui algumas das sempre repetidas falácias genealógicas: Somente uns poucos indivíduos, dotados de talentos especiais poderão ser treinados para se tornarem grandes genealogistas. É impossível tentar ensinar dois milhões de pessoas a serem bons genealogistas. A linhagem muito remota não pode ser provada. Não foi mantido nenhum registro de minha gente, pois eram plebeus. Estou muito ocupado em outros trabalhos da Igreja para poder fazer genealogia. Meu interesse principal deveria ser para com a vida. Pesquisar é muito dispendioso. Podemos esperar até o Milênio. Eventualmente o computador fará toda a pesquisa para mim. Estas são falsas e injustificáveis opiniões ou heresias utilizadas para enganar e desorientar os membros da Igreja.

2. O QUE DEVEMOS ENSINAR?

A compilar registros familiares aceitáveis, incluindo as famílias de todos os ascendentes e descendentes. A compilar registros dos descendentes de vários graus de parentesco. A obter e organizar fotos, histórias e incidentes interessantes. A conhecer as diferentes fontes de informação que existem e onde devem ser preferivelmente consultadas. A aprender como ler e entender as informações viáveis. A acurar a habilidade de analisar e avaliar registros. A se tornar experiente no julgamento do parentesco provado por evidências. A se tornar capaz de conferir registros familiares, a certificar-se que todas as ordenanças de exaltação têm sido executadas, incluindo os selamentos. A atuar eficazmente na organização familiar, evitando, assim, as duplicações de ordenanças no templo e as desnecessárias repetições de pesquisa.

3. COMO ENSINAR MELHOR?

A mais importante responsabilidade da Igreja é ensinar essas coisas aos seus membros. Eis os meios de instrução:

- a. aula familiar noturna, sob a direção do Comitê de Genealogia.
- b. classes de genealogia da Escola Dominical.
- c. lições ministradas pelo quorum do Sacerdócio de Melquizedeque.

Essas aulas familiares e classes de genealogia no ramo deverão se expandir de simples cursos de caráter geral, para outros cursos de pesquisa mais especializados, em vários países.

4. QUEM DEVERIA COMPARECER ÀS AULAS FAMILIARES NOTURNAS?

Todo membro adulto deveria fazê-lo, pois cada um tem a sua responsabilidade na genealogia. Os membros do distrito e suas esposas devem ser freqüentadores assíduos e seu exemplo influenciará poderosamente no comparecimento dos membros dos ramos. Os líderes e membros do Quorum do Sacerdócio de Melquizedeque devem comparecer e apoiar a aula com participação ativa, pois os líderes da Igreja enfatizam que os trabalhos genealógico e templário são os primeiros deveres do Sacerdócio.

5. POR QUE ÊSTE ASSUNTO É TÃO IMPORTANTE E TÃO URGENTE?

Êste é o grande trabalho dos últimos dias e no Milênio será o maior trabalho do mundo.

Estamos sendo apressados pelo Profeta de Deus para fazê-lo. O tempo é curto para executá-lo antes da chegada do Salvador que virá governar e reinar.

Como Tiago disse acertadamente: "Aquêle, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado." (Tiago 4:17)

Prestaremos contas a Deus e aos nossos parentes já falecidos, pelo uso que fazemos de nossas maravilhosas oportunidades.

PERGUNTA: Se eu estiver aprontando as fôlhas do grupo familiar para enviá-las, é necessário que as mesmas sejam verificadas pelo Comitê Genealógico?

RESPOSTA: É imprescindível e tem sido recomendado pela Sociedade Genealógica que, toda pessoa deve submeter suas fôlhas à apreciação do Comitê Genealógico antes de serem remetidas. Dessa forma o remetente evitará a possibilidade de que suas fôlhas sejam devolvidas pela Sociedade Genealógica por imperfeições, erros ou omissões, tais como falta do nome do representante da família, seu parentesco com marido e esposa ou algum erro quanto às datas.

Sacerdócio de Melquisedeque

LIÇÕES PARA MARÇO

1.ª SEMANA

AJUSTES NECESSÁRIOS NO CASAMENTO

Escrituras: Cor. 11:11; D&C 88:3.

O Senhor santificou o lar e tornou possível que os laços que nêle desenvolvemos permaneçam eficazes através da eternidade. Cada um de nós, como portador do Sacerdócio de Melquisedeque, tem a oportunidade de ter a espósa e filhos selados a si mesmo, formando assim uma unidade eterna. Desde que nossos filhos, por sua vez, se casarão e terão seus próprios filhos, cada um estabelecerá uma unidade familiar separada. No Reino Celestial, então, nossa mais íntima associação será com nossa espósa, o mesmo acontecendo a nossos filhos e espósas, ou filhas e espósos, assim também com nossos pais e mães. Do mesmo modo que nosso casamento inicia-se sem filhos, assim também termina, sem filhos, desde que eles crescem e nos deixam. A promessa de selamento assegura-nos que poderemos visitar e associar-nos com nossos descendentes, bem como com nossos ancestrais. Nosso companheirismo duradouro e constante, entretanto, será com nossa consorte.

Se a vida é para ser feliz e abundante para nós, o laço entre nós e nossa espósa deve ser mais profundo, mais doce, mais íntimo. Devemos esperar com ansiedade o momento de estar juntos, partilhar experiências e pensamentos, e devemos encantar-nos ao fazer coisas um pelo outro.

Considere a seguinte ilustração. Fernando e Elizabete casaram no templo, e a êle voltam periodicamente. Os dois têm sido ativos no trabalho da Igreja, e criaram uma família de três filhos e duas filhas; mas, à medida que os anos foram passando, Fernando e Elizabete foram apartando-se.

Há tempo Fernando não corteja Elizabete. Só raramente arrancam-se dêle as palavras "Eu te amo", e sua lembrança das bodas e outras ocasiões especiais é superficial. Ocupa-se não somente no trabalho da Igreja, mas gosta muito de pescar e caçar com seus amigos, o que lhe dá uma chance, como êle mesmo o declara, de "afastar-se de tudo". Todas essas atividades tendem a mantê-lo fora de casa.

Os vestígios dos anos de gravidez e maternidade aparecem claramente em Elizabete. Ela também tornou-se mais e mais descuidada e desleixada com sua aparência, e é preciso cada vez mais tempo diante do espelho para torná-la apresentável. Elizabete tem sido uma mãe devotada, é notada por sua culinária, e é uma excelente costureira. Ela é uma das fiéis irmãs sempre que a Sociedade de Socorro se reúne. Além

de seu interesse nos filhos e nas "novidades" sobre membros da ala, seus interesses são muito limitados.

Quando Fernando e Elizabete passam juntos a noite em casa (raramente saem juntos), poderemos encontrar Fernando dispendendo umas duas horas na leitura do jornal, um livro da Igreja ou procurando começar a genealogia. Naturalmente, êle devota várias noites do mês para ler e reler as revistas esportivas mensais que assina. Elizabete ocupa-se com tricô, assando biscoitos para os netos, ou estudando a lição da Sociedade de Socorro. Ocasionalmente um deles dá início a uma conversação, mas o silêncio logo retorna. Através dos anos, descobriram um no outro muitos hábitos irritantes, e seus aborrecimentos acumularam-se a ponto de criar uma imensa barreira. Elizabete acha que Fernando "exibe-se" nas festas, dorme demais nas tardes de domingo, e nunca progrediu nos negócios como deveria ter progredido. Por outro lado, Fernando às vêzes, olha pensativamente para Elizabete e acha difícil crer que ela seja a mesma garôta bonita, viva e encantadora com quem se casou. Ela parece ter agora pouco entusiasmo por qualquer coisa, e critica quase todos de quem fala.

Para outras pessoas, Fernando e Elizabete parecem ter um casamento bem sucedido. No que concerne aos outros membros da ala, êles são membros ótimos e substanciais da Igreja. Na realidade, entretanto, seu casamento é uma espécie de guerra fria, caracterizado por uma coexistência pacífica, porém não amistosa. A excitação e alegria que encontravam por estar juntos logo após o casamento transformou-se em tolerância e apatia. A perspectiva de viver eternamente com Elizabete agrada a Fernando? Elizabete espera com ansiedade a vida eterna com Fernando, ou poderíamos mais apropriadamente denominar o seu casamento de "casamento internal"?

Apesar de a condição do casamento de Fernando e Elizabete ser uma reprodução um tanto exagerada, é provável que esteja não muito longe da realidade para certos casamentos em que o homem e a mulher suportam a vida de casados com paciência e longanimidade. Em tais condições, um casamento selado para a eternidade seria uma provação e não uma bênção. Cada um de nós pode examinar suas relações conjugais para ver a que ponto encontra alegria e realização, de um lado, ou aborrecimento, miséria e aflição de outro. Em praticamente todos os casos, estávamos muito apaixonados quando nos ajoelhamos frente ao altar e prometemo-nos eternamente um para o outro. Que fizemos daquele amor? A que ponto antecipamos radiantes passar a eternidade com nossa companheira?

Agenda para noite familiar

Hino: Jesus, minha luz — n.º 17

Oração :

Lição: Ajustes necessários no casamento

Objetivo: Mostrar que a vida eterna em comum dependerá da efetuação da ordenança no templo, completada pelos ajustamentos diários realizados durante o período de vida.

Poesia (Pode ser declamada por uma das crianças)

Memorização: 1 Cor. 11:11

Atividade: Convide sua espósa e filhos para irem a uma das boas sorveterias que você conhece e ofereça-lhes o sorvete que mais gostam. (Se for impossível deixar o lar, em virtude de doença, compre o sorvete ou qualquer quitute para ser saboreado em casa.)

Oração:

2.ª SEMANA

UMA SÓ CARNE

Escritura: Gên. 2:24.

Certa ocasião, um grupo de estudantes maduros discutia os problemas pessoais e sociais relacionados ao trabalho em turnos. Discutiam os efeitos nocivos que turnos instáveis ou turnos contínuos à noite têm na vida familiar do indivíduo, na sua atividade na Igreja e na sua participação na comunidade. A esta altura, alguém disse que alguns homens achavam que os contínuos turnos da noite eram satisfatórios, e realmente os preferiam. Descreveu um amigo que trabalhava das 4:30 h da tarde à 1:00 h da madrugada. Sua espósa era professora. O seu horário de trabalho era tal que êle saía para o trabalho antes de ela chegar; ela estava dormindo quando êle chegava, e já havia saído quando êle acordava de manhã. Desde que êle não suportava a espósa, realmente gostava dêsse horário, pois raramente viam-se um ao outro. O estudante não mencionou se a espósa tinha a mesma opinião sobre tal arranjo.

Não é preciso ter muita imaginação para antever o que a aposentadoria fará para êsse casal. Há probabilidades de que aconteça o mesmo que acontece a muitos casais quando o marido se aposenta. A espósa bem logo descobre que mal pode suportar o marido em casa o dia todo, e êle se sente igualmente mal. Isso não sugere que um homem e sua espósa devam passar juntos todo o tempo. Ao invés, meramente sugere a pergunta: que funções um casamento verdadeiramente realiza ou pode realizar por nós?

Qual o significado da escritura que diz que um homem e uma mulher devem tornar-se uma carne?

1. O casal ficará unido fisicamente. As funções da família, apresentadas nas lições 7, 8 e 9, são importantes aqui.

2. O casal torna-se íntimo psicologicamente. Partilham suas mais íntimas preocupações, sentimentos e pensamentos. Não há necessidade de usar máscara, pois cada companheiro pode candidamente revelar-se. Tão íntima torna-se tal relação, que diz-se que, como resultado, muitos casais desenvolvem as mesmas expressões faciais e ficam mais parecidos um com o outro. Cada um pode provavelmente prever as reações do outro diante de determinada situação.

3. Outro possível significado de "uma só carne" é o desenvolvimento de uma unidade de propósito. Este é um dos grandes temas do Salvador. (Ver João 17) Isto se reflete no início do casamento na semelhança de ideais ou objetivos da vida mantidos pelo casal. Com o passar do tempo, entretanto, esta unidade é grandemente aumentada pelas preocupações comuns e interesses mútuos que surgem ao viverem juntos. Os filhos tomam aqui lugar importante, à medida que nascem, crescem, realizam coisas, machucam-se, ficam doentes, vão para a escola etc. O sacrifício mútuo do casal, de tempo e meios por seus filhos, torna-se uma grande fonte para o desenvolvimento do respeito e amor mútuos. O casal tem amigos e conhecidos em comum, os quais os unem, e tem uma variedade de experiências junto, as quais servem como vasto reservatório para partilhar e comentar.

Talvez uma das razões porque Deus ordenou o casamento entre o homem e a mulher é por ele oferecer, mais do que qualquer outra relação, maiores potencialidades para o desenvolvimento das qualidades divinas, potencialidades essas que raramente são levadas a cabo em nossa própria vida matrimonial. Até certo ponto, o amor inicia e termina no lar. É mais difícil expressar amor no lar consistentemente por causa da intimidade do contato. É provável que somente em relação intensiva é o nosso âmago mais completamente manifestado e ajustado. Eis algumas perguntas que podemos fazer sobre nossas próprias relações conjugais:

a. Até que ponto concedo à minha esposa a oportunidade de se desenvolver como pessoa? Espero que ela se sujeite às minhas exigências e às dos filhos, e se torne uma espécie de serva para múltiplos propósitos? Até que ponto eu a vejo como uma pessoa rara, com suas próprias habilidades, interesses e desejos?

b. Até que ponto o desenvolvimento de nossos filhos é uma ventura mútua em que discutimos acontecimentos diários e juntos estabelecemos normas com relação às práticas da criação de crianças? Deixamos a criação de nossos filhos a cargo de nossas esposas, suplementando-a com uma ocasional Noite Familiar, ou somos os dois participantes ativos, unidos no processo?

c. Até que ponto discutimos com

nossas esposas acontecimentos atuais, interesses intelectuais ou culturais, acontecimentos das vidas de nossos associados e coisas semelhantes?

Agenda para noite familiar

Hino: Quão grato é cantar louvor — n.º 19

Oração:

Lição: Os dois uma só carne

Objetivo: Mostrar que a relação entre marido e esposa é íntima e inclui muitas e grandes possibilidades de crescimento e realização.

Número musical: (Pode ser cantado ou tocado por um dos filhos.)

Memorização: Gênesis 2:24

Atividade: Relembre junto com sua esposa o tempo de seu namoro e noivado, os planos, os sonhos, as atitudes. Então, convide-a para um passeio ao luar como costumavam fazer. Trate-a como sua namorada.

Oração:

Bôlo com chocolate

3.ª SEMANA

O POSSUIDOR DO SACERDÓCIO É PATRIARCA NO LAR

Escrituras: Alma 35:16; Mosiah 1:2; II Nefi 4:3.

A ordem da família, como estabelecida pelo próprio Senhor no Jardim do Éden, era que Adão seria responsável perante o Senhor por sua esposa e filhos que logo viriam. Este padrão, o de um homem ser responsável por sua família, tem sido geralmente chamado sistema familiar patriarcal.

Este sistema encontrou, através dos tempos, uma variedade de interpretações, algumas das quais seguidamente violavam o espírito inicial da ordem patriarcal conforme estabelecida pelo Senhor. Em algumas sociedades, o poder do pai era tão completo que podia, de acordo com seu desejo, vender a esposa ou filhos, ou mesmo mandar matá-los. Infelizmente, esse tipo de comportamento tornou-se o padrão familiar tradicional que veio a integrar-se à cultura geral de muitas sociedades. E assim, quando o Senhor reafirmou o sistema patriarcal nesses últimos dias, várias pessoas da Igreja pensaram que Ele reafirmava o velho costume de que o pai deveria ser o governador indisputável do lar.

Entretanto, a chave para a ordem patriarcal no lar onde o Sacerdócio preside não é o domínio, mas a responsabilidade e bênção. O cabeça da família que possui o Sacerdócio é responsável por sua família. Ele é responsável pelo ensino de seus filhos, pelo bem-estar físico e espiritual de sua família. Ele não pode escapar dessas responsabilidades dizendo: "Estou cansado dêsse trabalho — pedirei divórcio". Essas são

as responsabilidades que ele aceita como parte do convênio do casamento, e um homem que não deseja assumir essas responsabilidades não deve aceitar o casamento e afligir uma esposa e filhos com um pai irresponsável. Por outro lado, a esposa (e filhos) devem conceder ao pai o direito de ser responsável. Algumas mulheres pensam que o marido é muito ineficiente, ou não tão capaz quanto elas, e por isso assumem as responsabilidades que, por direito, pertencem ao marido. É vergonhoso quando as responsabilidades do pai diminuem a ponto de, como o expressou uma irmã a quem perguntaram quais eram as responsabilidades de seu marido: "Bem, creio que ele escolhe alguém para pedir a bênção do alimento".

O pai deve ser uma bênção e dar uma bênção à sua família. Do ponto de vista de ser o pai uma fonte de conforto, uma inspiração, um cabedal de conselho e sabedoria, ele é uma bênção para a família. O pai deve também dar bênção à família. Isto é parte de seu privilégio e responsabilidade. Quando nascem os filhos, o possuidor do Sacerdócio tem o direito de dar uma bênção a seus filhos. Este é um momento raro e precioso. Esta é a ocasião em que o pai deve preparar-se a fim de estar em comunhão com o espírito do Senhor, de modo a falar sob inspiração e oferecer a seu filho as vantagens de uma verdadeira bênção, dada por alguém que tem o direito de exigir que seja selada pelo Sacerdócio e em nome do Salvador.

Os pais têm o direito de dar uma bênção aos membros da família durante uma série inteira de ordenanças. O pai justo é uma bênção para o filho quando o prepara para o batismo. Quando o pai confirma o filho membro da Igreja, ele pode, conforme o Espírito orientar, dar uma bênção ao precioso ser. Quando os membros da família estão doentes ou aflitos, é o direito do pai dar-lhes uma bênção. Todos conhecemos a bênção para os doentes, mas também damos bênçãos aos aflitos? Estar aflito significa passar dor, sofrimento ou angústia. As pessoas muitas vezes são afligidas com sofrimento e angústia advindos da preocupação, dúvida, pecado e culpa, medo e ansiedade. Em tais condições, o pai pode exercer o Sacerdócio e dar uma bênção àquela pessoa. O direito de abençoar é um dos dons mais preciosos dado ao cabeça do Sacerdócio da família. Este direito deve ser usado em retidão — não deve ser abusado, nem deve ficar dormente ou intocado.

Os pais também têm o direito de ordenar os filhos ao Sacerdócio e dar-lhes uma bênção, conforme dirigidos pelo Espírito. Assim, num número de ocasiões importantes no ciclo de vida de cada membro da família, o pai deve ser para ele uma fonte de grande força, tanto por ser uma bênção, como por dar bênçãos.

Uma das áreas que apresenta grandes problemas em alguns lares Santos dos Últimos Dias, é o controle. Quando o pai interpreta o direito do Sacerdócio como um direito de governar a família,

às vezes exerce domínio injusto sobre ela. O Senhor disse do casamento que um homem e uma mulher deveriam deixar pai e mãe, unirem-se e tornar-se "uma só carne". Isso indica que o casamento, como o Senhor o idealizou, não era para ser uma relação de mestre e serva, mas uma relação unida — um companheirismo de pessoas tão unificadas em propósito e amor que seriam como "uma só carne".

Um inquérito feito entre universitários santos dos últimos dias incluía a seguinte pergunta para as moças: "Você pensa que o marido deve ser o cabeça da família?" Mais de 90% responderam "sim". Então havia esta pergunta: "Você pensa que o marido deve ser o 'manda-chuva' da família?" Somente 15% responderam "sim". Indica isso que o marido perdeu sua justa posição na família? Provavelmente não. É possível que isso demonstre que as moças da Igreja queiram partilhar as responsabilidades da família como o marido, e sentem-se felizes quando ele assume a posição de liderança e responsabilidade, mas não querem um governador, um ditador, como o termo "manda-chuva" parece implicar.

O livro Doutrina e Convênios parece ser bem claro quanto à maneira pela qual o possuidor do Sacerdócio deve exercer este poder ao influenciar outros. (Ver D&C 121:34-40) Quando o pai usa essa posição e seu Sacerdócio para gratificar seu orgulho ou vãs ambições às custas de seus bem-amados, e exerce compulsão e controle injusto, então a influência de seu Sacerdócio termina — é "amém para o sacerdócio ou a autoridade daquele homem". Talvez alguns de vocês já tenham visto famílias em que as ações dominantes do pai fizeram com que ele cessasse de ser uma bênção. De certo modo, tal homem já não está em posição de usar seu Sacerdócio, pois a bênção pretendida, o efetivo uso dos poderes do Sacerdócio, foram perdidos.

Duas irmãs adolescentes dirigiram-se ao bispo e disseram: "Bispo, estamos pensando em fugir de casa. Nosso pai é tão mau para nós que não podemos suportá-lo. Está sempre gritando conosco e dizendo-nos que não valemos nada. Não confia em nós, e vigia-nos como um falcão, de sorte que, às vezes, temos vontade de fazer coisas erradas só para magoá-lo. Ele e a mamãe gritam e brigam um com o outro todo o tempo, pois às vezes ela nos defende. Parece que nosso lar está cheio de ódio e contenda. Que podemos fazer?"

OBSERVAÇÃO: Considerando-se a realização da conferência distrital de três em três meses, publicamos apenas três lições neste mês. As lições deverão ser dadas em seqüência.

NOTA: As agendas para as noites familiares são apenas uma sugestão. A família pode adaptar segundo sua vontade.

Agenda para noite familiar

Hino: Primeira oração do Profeta — n.º 53

Oração:

Lição: O possuidor do sacerdócio é patriarca no lar.

Objetivo: Mostrar que todo o pai possuidor do sacerdócio é o patriarca do lar e que com sabedoria pode dar bênçãos para os membros da família e ser, ele próprio, através de sua diligência e obediência aos princípios do Evangelho, uma bênção.

Poesia: Pode ser declamada por uma das crianças.

Memorização: Tiago 2:17

Atividade: à escolha da família.

Hino: Glória cantai a Deus — n.º 1.

Oração:
Bolo e refresco.

AULA DE TEOLOGIA

SOCIEDADE DE SOCORRO

A FÉ SEM OBRAS, POR SI SÓ É MORTA

para a segunda semana de março de 1965.

Alberta H. Christensen

"Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta." (Tiago 2:17)

"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus." (Mateus 7:21)

"Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está pecando." (Tiago 4:17)

Estas escrituras são significativas. Declaram, em resumo, que ter uma crença ou conhecimento de uma verdade do evangelho não é o suficiente. Mais ainda, que os que crêem e compreendem a lei, mas não se submetem a ela, nisso pecam. Isso quer dizer que seremos julgados de acordo com a luz e compreensão que temos.

A consciência desta verdade é essencial para todo o indivíduo que, através de um esforço consciente queira aumentar seu crescimento mental e espiritual e influenciar outros à prática do bem. A importância de transformar crença em ação é essencial ao Programa Noite Familiar e também a essas lições que são escritas com o fim de apoiar o referido programa. É especialmente importante que as mães estejam cientes desta verdade ao orientarem seus filhos na infância para a vida adulta.

Se quisermos que as idéias que deverão ser desenvolvidas como lição tenham vitalidade, as alunas deverão participar ativamente das aulas. Essas lições, entretanto, não terão preenchido seu objetivo se não as motivarem a realmente pôr em prática as idéias e ensinamentos do evangelho discutidos.

CONHECIMENTO MAIS AÇÃO

É um incentivo saber que a perfeição não é obtida num dia. É útil reconhecer que será necessário esforço consciente e constante para substituir um determinado padrão de comportamento por um melhor. Não é desgraça deixar de ter sucesso, se realmente tentamos — mas a falta do desejo de tentar.

Os habitantes da antiga cidade de Enoque não atingiram uma condição de extrema retidão de repente, nem por simplesmente conhecerem os princípios do evangelho de Jesus Cristo, mas por viverem tais princípios.

Por dois séculos após o aparecimento do Salvador no Hemisfério Ocidental, os nefitas e lamanitas gozaram a paz e felicidade que são frutos do viver reto. Lemos em Quarto Nefi, versículos 15a18:

"E não havia contendas no país, em virtude do amor a Deus que vivia nos corações do povo.

"E não havia inveja, nem disputas, nem tumultos...

"E não havia ladrões, nem assassinos, nem lamanitas, ou qualquer espécie de itas; pois só havia um povo, os filhos de Cristo e herdeiros do reino de Deus.

"E quão bem-aventurados eram eles!"

Este estado de felicidade não foi alcançado somente por crerem que Jesus era o Cristo, mas por terem incorporado às suas vidas os princípios do viver reto que o Seu evangelho envolve.

VALOR DO ESFORÇO CONSTANTE

Poderiam ser citados exemplos incontáveis dos métodos e valor do esforço constante. Uma simples ilustração é a do versátil Benjamin Franklin que, em sua adolescência, fez uma lista solene e sincera de treze virtudes que desejava praticar como meio de aperfeiçoar o caráter. Num pequeno livro de anotações, registrava seus sucessos e fracassos com tais virtudes. Franklin não encarou este projeto de auto-melhoramento como um esforço temporário nem como uma resolução geral, mas como um empenho concentrado, específico. Centralizou seus esforços em uma virtude de cada vez, esperando que, ao fazê-lo, esculpisse um padrão de desempenho que fosse eficaz e duradouro.

HOJE VERSUS AMANHÃ

Há muito valor em começar a agir logo após uma decisão digna ter sido tomada. Resoluções repetidamente adiadas podem criar um padrão de adiamento. Quando os objetivos irrealizados tornam-se numerosos, surge em consequência um sentimento de inaptidão e frustração. Sempre que possível e prático, hoje, e não a semana que vem ou o mês vindouro, é a ocasião de pôr em prática as boas resoluções.

CRENÇA VERSUS DESEMPENHO

Um dos estranhos paradoxos do comportamento humano é que nosso desempenho nunca é tão bom quanto nosso conhecimento. Por quê? Por que não

praticamos os princípios que sabemos serem certos e que sabemos que deveríamos praticar?

Todo professor bem treinado sabe que há uma diferença entre nosso nível de comportamento e nosso nível de realização, e isso deveria ser assunto de interesse e preocupação para os pais. Cada mãe que leva a sério sua responsabilidade será levada a perguntar-se, mais cedo ou mais tarde: "Como posso ser mais eficaz ao motivar nossos filhos a agirem mais de acordo com os ensinamentos do evangelho?" Mais importante, ela poderá analisar-se com perguntas como: "Minhas atividades correspondem aos valores que digo serem os mais importantes para mim? Por que não conservo a paciência em determinadas situações, quando sei quão importante é tal atitude? Quais são algumas das forças restritivas que me impedem de fazer os preparativos necessários no sábado, de modo que o Dia do Senhor em nosso lar possa ser o que deveria ser — um dia de descanso e devoção religiosa?"

Uma compreensão, no mínimo parcial, do porquê da atitude de uma pessoa é a base de uma compreensão complacente da pessoa. Isto é de especial importância nas relações entre mãe e filho, e será considerado mais detalhadamente numa lição futura.

APLICAÇÃO DA LIÇÃO

A discussão da experiência de outros é útil para levar uma pessoa à consciência e solução de seus próprios problemas. Considere o seguinte:

Irmã A é uma mulher consciente e cheia de recursos. Apesar de seus filhos já estarem casados e de suas responsabilidades domésticas terem diminuído muito, ela preenche seus dias com atividades variadas e interessantes. Em várias ocasiões no passado, planejou que, algum dia, ocuparia seu tempo familiarizando-se com as Escrituras.

Como resultado de uma lição da Sociedade de Socorro, ela se tornou ciente de que o tempo fugia rapidamente, e que seu objetivo de leitura permanecia irrealizado. Resolveu iniciar imediatamente, não na próxima semana ou mês, mas imediatamente, e assim rearranjou seu horário para que suas ocupações domésticas lhe permitissem meia hora ou uma hora diária para o projeto de leitura das Escrituras.

Após dois meses de seguir o plano consistentemente, estabeleceu um padrão de desempenho que não era difícil de seguir. A satisfação e visão espiritual que esta atividade lhe concedeu fez com que se perguntasse porque não fizera esse esforço especial há muito tempo.

Irmã B é mãe de seis filhos. Motivada por uma lição de Teologia da Sociedade de Socorro, que salientava a espiritualidade e sabedoria que podem ser obtidas através de uma leitura consistente das Escrituras, decidiu que realmente gostaria de formar este hábito. Entretanto, ao verificar seu horário já completamente tomado, desejou seriamente saber

como adicionar outra atividade, mesmo que fosse somente meia hora. Explicou a situação e seu desejo aos dois filhos mais velhos, de treze e quinze anos, que se prontificaram a auxiliá-la em determinada responsabilidade doméstica. Irmã B pôde assim devotar o tempo ganho ao projeto. Sua leitura não só aumentou seu conhecimento do evangelho, mas ela escolheu certas escrituras para memorizar com os filhos no Programa Noite Familiar.

As mães precisam ter um conhecimento do evangelho não só para viver retamente, mas também para responder com precisão às perguntas dos filhos. A sabedoria lhes advém à medida que obedecem às palavras do Salvador: "Examinai as Escrituras, porque cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam". (João 5:39)

Numa época de ceticismo e interesses materiais, há pessoas para quem a lembrança da juventude é uma herança querida — noites no lar, com o pai e a mãe lendo as Escrituras, as crianças ouvindo atentamente. Um reavivamento desta prática será certamente uma experiência enriquecedora para a criança de hoje, a qual tem que enfrentar um mundo desafiador e duvidoso.



Neste mês e nos subsequentes publicaremos em cada edição da A LIAHONA um encarte com cartões-pergunta, picotados. As perguntas são referentes às lições do mês, preparadas para a hora familiar semanal.

Destacando os cartões e guardando-os, pode ser colecionado um jogo para entretenimento da família. Junto com cada série de perguntas será publicado um cartão-resposta, contendo todas as respostas das perguntas daquele mês. No final do ano será publicado um cartão-resposta completo.

Observe que todos os cartões são numerados e têm uma seqüência. Note também que cada cartão possui o número de pontos que vale cada questão respondida certo.

Instruções para o jogo

1. Qualquer número de pessoas pode jogar.
2. Os cartões são colocados em pilhas por pontos.
3. Deve ser escolhido um chefe para conferir as respostas.

4. Os participantes tiram os cartões em seqüência num círculo. Cada um deve começar com um cartão de cinco pontos. Se responder certo, então, tira um de dez. Se ganhar os dez pontos, pode tirar outro cartão de 15 pontos e assim até tirar o cartão que vale 25 pontos. Se responder errado qualquer pergunta, perde a vez, e o próximo começa a jogar. O participante deve receber apenas o número de pontos do cartão que responde corretamente.

5. A pessoa que ganha mais pontos é a vencedora do jogo.

(continuação da pág. 31)

Crescemos através dessas experiências aceitando o chamado para atuar como professores e oficiais. Aproveitaria as oportunidades para estudar e me aplicar para me instruir. Qualquer que seja o campo de especialização que você escolher, será necessário competir. Muitas oportunidades de progredir são desdenhadas pela nossa juventude. Eu honraria meu pai e minha mãe para que os meus dias se tornassem mais longos na terra. Preferiria seu conselho e orientação ao dos meus amigos. Tentaria ser protetor de meu irmão. Procuraria crescer através das tentativas. Cuidaria do meu corpo para que não fosse destruído por negligência ou falta de conhecimento. Aceitaria as responsabilidades, esforçar-me-ia para ser orgulhoso de mim mesmo, sabendo que as pessoas respeitam minhas promessas. Seria honesto comigo mesmo em qualquer ocasião.

Nos vários pontos mencionados, uma pessoa poderia tornar-se melhor e sentir mais confiança em suas conquistas. Não há dúvida, um pouco de satisfação sempre deve existir. Assim devemos aceitar os desafios e se encontrarmos a possibilidade de retornar ao nosso Pai no céu, deveremos responder como o Coronel Glenn o fez, quando disse que não temia a morte na sua experiência interplanetária, e isto, porque estava em paz com seu Deus. No nosso esforço em ganhar a salvação, poderíamos dizer que fizemos o melhor que pudemos, de conformidade com o nosso conhecimento e nossa experiência e, conseqüentemente, não teríamos tantas questões com as quais ocupar nossa mente.

Sacerdício Aarônico

Se eu fôsse você

Stan Watts,
Treinador de Basketball,
da Un. de Brigham Young

Há alguns anos atrás o famoso técnico de futebol Earl "Ruivo" Blaik levou o seu bem treinado time do exército para West Point, a fim de jogar com o grande time de Michigan, em Ann Arbor. O Estádio acomodava cem mil espectadores, que ali estavam para presenciar aquela grande disputa. Os dois times apareceram no gramado em uma linda tarde de verão para um treino de aquecimento. Naturalmente, os espectadores tentavam escolher os jogadores que mais sobressaíam em cada time, fazendo referências aos seus programas, conferindo pessoal e números. Os dois bem treinados times fizeram seus exercícios calistênicos, chutando, passando da ofensiva para a defensiva e os fans exclamavam com entusiasmo e impaciência de ver a partida terminada. Como os exercícios para aquecer houvessem terminado, os dois times voltaram aos seus vestiários para as instruções finais e uma revisão da estratégia que cada um havia preparado durante a semana.

Em um vestiário impregnado com o odor de transpiração e com o espírito de entusiasmo e impaciência o treinador Blaik falou a seus pupilos. Ele contou ao seu grupo de jovens que estava orgulhoso deles e sugeriu que não esquecessem de três pontos principais no jogo com o Michigan. As três sugestões importantes foram:

1. Hoje queremos ganhar o respeito dêsse grande público para o qual jogamos. Representamos uma grande instituição educacional militar. Também representamos um grande quadro americano e hoje nada faremos no campo que venha a prejudicar a reputação de outrem.

2. Queremos ganhar o respeito dos nossos oponentes, como homens e competidores. Queremos participar do jogo de acôrdo com as regras. Precisamos jogar para ganhar, mas também precisamos jogar com dedicação, fazendo um jôgo limpo, certo, vencendo a batalha dos nossos oponentes.

3. Queremos ganhar o respeito de nós mesmos como pessoas. No fim da partida, ao sairmos do campo, queremos sentir que demos o melhor de nossa capacidade — e jogamos o melhor que pudemos. Com êste sentimento dentro de nossas almas depois do prélio, vencedores ou vencidos, não teremos perguntas a nos fazer relativas aos nossos desejos e esforços.

Esta é a filosofia que tentamos instilar em nossos atletas da Universidade de Brigham Young. As mesmas coisas devem ser aplicadas às nossas atividades diárias, ao servir a Deus e ao nosso próximo. Como adulto, freqüentemente olho para trás e vejo os êrros que pratiquei quando jovem. Se eu tivesse a chance de fazer tudo novamente, estou certo que me empenharia em fazer o melhor. Por essa minha experiência, gostaria de sugerir aos jovens da Igreja alguma coisa da história relatada, e como pode ser aplicada.

Se eu fôsse você, tentaria viver de forma a ganhar o respeito daqueles que me rodeiam. Isto incluiria minha família, amigos, vizinhos e associados. Foi-nos contado pelo Presidente McKay que devemos ser missionários. As pessoas fora da Igreja e mesmo dentro dela nos observam mais do que pensamos. Qualquer coisa que façamos contrariamente aos ensinamentos recebidos e às nossas crenças, traráo

uma grande onda de críticas à Igreja. Tornando-nos cientes de nossas responsabilidades, poderemos nos exemplificar com as coisas mais elevadas da vida. Pelo bom exemplo poderemos ganhar o respeito e admiração das pessoas com quem nos associamos ou encontrar a forma de subirmos em nossa vida. Tenho conversado com várias pessoas fora da Igreja, as quais têm o mais elevado respeito por muitos dos membros de nossa Igreja, porque os mesmos vivem o evangelho e tentam ajudar a humanidade.

Se eu fôsse você, ganharia o respeito das pessoas com as quais convivo. Com o grau de competição que existe em qualquer campo torna-se uma necessidade fazer o jôgo conforme as regras. As virtudes humanas de honestidade, integridade e consciência em tôdas as nossas ações, certamente provocarão o respeito das pessoas com as quais nos associamos e negociamos. Quanto mais praticamos essas virtudes, nos achegamos mais ao nosso Pai Celestial, servindo-O e aos seus filhos. Não há respeito para as pessoas que mentem, trapaceiam e tentam tirar vantagem dos outros.

Se eu fôsse você, ganharia o respeito de mim mesmo. Primeiro, me certificaria das minhas atividades na Igreja. Obedecendo e vivendo os mandamentos de nosso Pai Celestial, tornando-me humilde e cômico das necessidades espirituais do homem. Eu aprenderia a orar, participando das atividades das organizações auxiliares, honrando o sacerdôcio do qual nos tornamos dignos de possuir.

(continua na pág. 30)

Não negligencie o tesouro que é seu

Eu já recebi imposição das mãos muitas vezes; quando fui confirmado, quando fui ordenado ao sacerdócio, quando estava doente e precisava ser curado e quando recebi minha bênção patriarcal. Recebi, também, uma bênção das mãos de meu pai. Qual o tesouro que recebi durante estas experiências? Como sei qual é o meu tesouro? E como o mantenho longe da negligência?

Supondo-se que o tesouro é peculiarmente meu, embora desconhecido por mim, posso eu dizer que pertence ao espírito que está dentro de mim? Desde que eu deseje descobrir meu tesouro poderia eu deixar de agir bem para conhecer e cultivar êsse meu espírito? Sim, mas como?

Poderia eu fazer da próxima oportunidade de partilhar o Sacramento, uma ocasião de adoração e convênios ou uma ocasião de recordar o encontro passado?

Poderia eu perguntar-me quando ouço o orador da Reunião Sacramen-

tal qual a parte de suas palavras que se aplica para mim? Poderia provar a mim mesmo que eu posso espalhar alguns boatos (verdadeiros ou não) — recusar-me a passá-los para frente — sobrepujar o desejo de deixar escapar um segredo, mas tôdas as vezes dêle me lembrar?

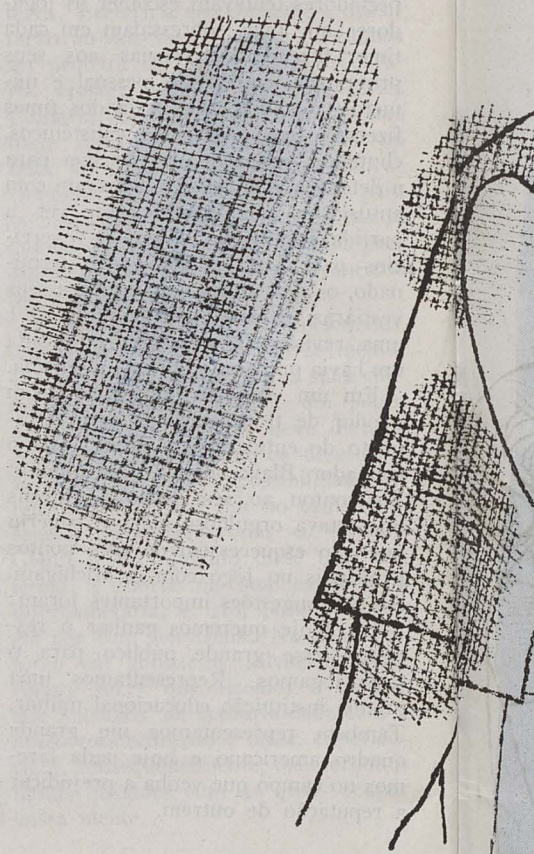
Poderia lembrar-me de expressar algumas palavras apreciativas aos professores do lar, não para deixá-los surpreendidos mas para certificá-los que são bem-vindos?

Poderia eu, no recôndito de um quarto, orar fervorosamente por alguém que necessite de conforto ou ajuda, quer êsse alguém seja mais ou menos abençoado do que eu?

Poderia provar que tenho vontade suficiente para gastar pelo menos dez minutos cada noite antes de deitar, lendo as Escrituras? Talvez eu pudesse começar com a Pérola de Grande Valor. É o livro mais curto.

Depois de um período de tais esforços, ao orar à procura de um

Juventude da Promessa



ardente testemunho, haverá em minhas palavras a confiança nascida da certeza. Haverá humildade, fé, reverência verdadeira, enquanto peço.

E quando alguém observa "não é você o melhor benfeitor?" meu espírito se envaidece. É então que meu tesouro se desdobra ou permanece silencioso. Eu posso vergonhosamente "abandonar o navio" e esquecê-lo, evitando maior ridículo. Ou, pior ainda, posso vangloriando-me de ser observado, "o que há de errado em fazer o bem?" Aí então, começa a grande parada da hipocrisia. Ou, esperançosamente, posso olhar dentro de mim e perguntar "porque estou fazendo êstes esforços?" Estou fazendo estas coisas pelas aparências, não somente para cumprir meu dever, mas estou me empenhando assim exclusivamente porque roguei a companhia do Espírito do Senhor, e somente quando seu Espírito tocou o meu eu soube dêsse tesouro e aprendi

como êle se avoluma dentro de mim.

O que é tão precioso no companheirismo com o Espírito? Porque é de valor meu tesouro, o qual me foi dado, quando eu tinha oito anos, e confirmado e renovado cada vêz que as mãos eram colocadas sôbre minha cabeça.

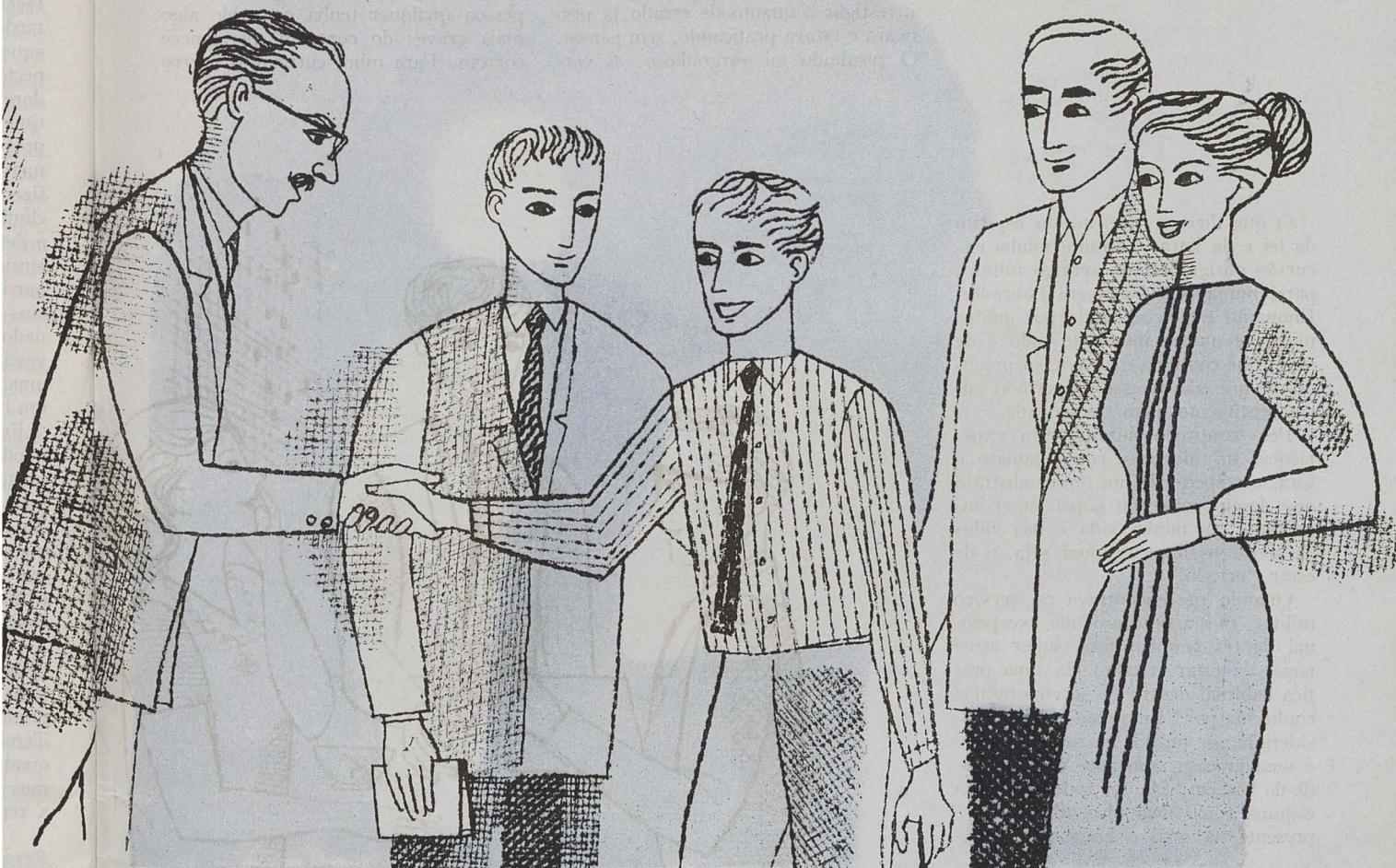
Eu o quero. Realmente, eu preciso dêle, eu preciso dêle. Eu preciso dêle *agora*, porque estou justamente revivendo, tornando-me ciente das emoções, da beleza e das idéias. Eu preciso da força do Espírito que me oriente com segurança nessas novas aventuras.

Talvez eu possa ser um missionário ou um professor. Quiçá eu serei chamado para abençoar os doentes ou então venha a necessitar de fé para ser curado. Para tudo isto eu preciso da inspiração do espírito. Mas quer eu pregue, ou ensine, cure ou procure recuperação da saúde, dê conforto ou conselho, ou mesmo se nenhuma des-

sas oportunidades me sejam dadas há uma outra imperiosa necessidade, que transcende a tôdas as outras. Eu preciso da constante companhia do Espírito para guiar-me na mais importante decisão a ser tomada por um mortal — a escolha da minha companheira eterna.

Poderia eu ousar escolhê-la sôzinho?

Não poderíamos dizer a cada um de nós: "Deixe-me começar sôzinho, a cultivar, a dar de mim mesmo e a dirigir-me. Então um dia eu sentirei o testemunho interior. E conhecerei a grandiosidade de meu tesouro. Então serei como Lehi, partilharei da árvore que tem o fruto mais desejável; o qual é mais doce que todos os outros. Então, como Alma, sentirei aquele contentamento que o mundo não conhece e nem pode entender. Assim terei encontrado o desafio de Paulo de "não negligenciar o tesouro que há em ti".



Seja um exemplo no Espírito

por Riley S. Grant

O que dizer a respeito do espírito da lei e da letra? Durante minha excursão obrigatória no serviço militar, parei numa base aérea em Labrador. Enquanto estava separado por quatro milhas e quinze meses de tudo e de todos que conhecia e amava, surpreendo-me que não tivesse despertado outro sentimento além da saudade.

Pelo contrário durante esta experiência fui alertado, como jamais o fôra, a respeito de um termo abstrato que desempenha um papel super-importante em minha vida e nas vidas de todos os homens, qual seja, o de estar "errado".

Quando me encontrava no serviço militar, tive a oportunidade excepcional de testemunhar este super ativo papel de estar errado. Há uma prática habitual dentro do serviço militar conhecida por "surrupiar", que é considerada por muitos outros como sené uma ameaça constante à integridade do homem. Ele nos rodeia em cada esquina como uma armadilha sempre presente na qual o homem pode fá-

cilmente escorregar e da qual só pode subir com grande dificuldade.

(Nota do editor: Leia João 1:32-32; João 3:6; Mateus 26:41; Isaías 30:21 e depois procure outras passagens interessante sobre o assunto). do "quase" legal. O objetivo deste costume é ter acesso e poder obter dados do governo que você necessita e deseja. Por sua vez, terá de retribuir estes contactos com dados de propriedade do governo aos quais você tem acesso.

Muitos servidores aceitam esta prática simplesmente como um resultado da sociedade militar na qual vivem e participam dela conscientemente. Outros ainda tornam mais lucrativa a "negociata" estabelecendo todos os contactos e canais de informação possível.

Sem dúvida se as perdas do governo por meio deste plano de "surrupiar" fossem calculadas, o resultado seria desconcertante. Quando fui alertado desta atividade praticada por tantos, sem que pensassem quão "errado" estavam agindo, comecei a investigar o quanto de errado já praticara e estava praticando, sem pensar. O resultado foi vergonhoso. É ver-

dade que muitos dos meus erros foram e são insignificantes, mas nem por isso deixam de ser também erros.

Depois de desligado fui trabalhar em uma firma de produtos e frutas. Imediatamente notei que os outros empregados levavam punhados de frutas para casa sem pagar. A princípio me abstive de comê-las, até mesmo uma cerejinha, mas logo fui influenciado pelos outros empregados, e em meus momentos de fraqueza, comecei a comer uma maçã, uma laranja, ou um punhado de nozes. Não importa como percebera a situação, nem tampouco como tentei justificar minhas ações, não pude transformar este hábito errado em certo. Portanto, felizmente para mim, o domínio de minha vontade foi-se fortalecendo, e interrompi tal prática. Devido a estas experiências e a outras, concluí que o termo "errado" significava para aquelas pessoas algo que é feito e pode ser justificado por alguém mais que cometa um erro ainda maior. Em outras palavras, errado é apenas errado quando outra pessoa qualquer tenha cometido algo mais grave; do contrário permanece correto. Para mim, entretanto o erro



Seja um exemplo na Pureza

Paulo, o Apóstolo, numa carta a Tito deu-nos a chave para a pureza. "Para os puros, escreveu êle, tôdas as coisas são puras."

Pureza vê apenas a parte refinada de uma situação.

Pureza discrimina o que é sórdido e de mau gôsto na leitura procurando a verdade e o enriquecimento.

Pureza interpreta situações duvidosas sem risotas ou observações injuriosas.

Pureza não permite estórias sombrias.

Pureza desvia-se dos filmes "Impróprios".

Pureza rejeita curiosidade malsã.

Pureza reverencia a procriação e não respeita nenhuma outra atitude.

Pureza acolhe conversações picantes com um silêncio estóico.

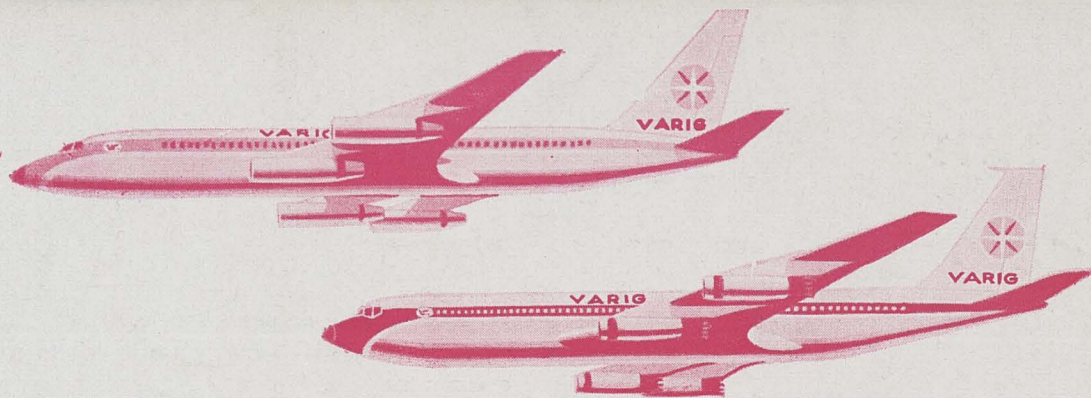
Pureza é processo de peneirar, permitindo a entrada em sua mente só do que melhora e edifica.

Pureza é tão pessoal e íntimo que sômente o que a possui e Deus mesmo a conhecem.

(Nota do Editor: Pureza é discutido nas seguintes escrituras: Mat. 5:8; 1 Tim. 5:22; 1 Sam. 22:22-27)

por Winnifred Jardine





UTAH POR QUATRO DIFERENTES ROTAS...

VARIG SERVINDO OS ESTADOS UNIDOS POR QUATRO DIFERENTES ROTAS. PARA LOS ANGELES, MIAMI E NOVA YORK - COM OU SEM ESCALAS - A VARIG TEM SEMPRE UM JATO PARA LEVÁ-LO A QUALQUER UMA DESTAS CIDADES. ATRAVÉS DO BOEING 707 OU DO CONVAIR 990A, O SR. ENCONTRARÁ IMEDIATAS CONEXÕES PARA UTAH OU PARA QUALQUER OUTRA LOCALIDADE DOS ESTADOS UNIDOS. RÊDE AÉREA INTERNACIONAL

VARIG

COOPERE COM O ESFÓRÇO DO GOVERNO POUPIANDO DIVISAS, VIAJE PARA O EXTERIOR PELA VARIG - A PIONEIRA.

